



KARINE TAIZA MENDES

Homonímia em anedotas: uma análise da ambigüidade lexical como efeito de humor

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR. Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.^a Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 29/11/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Morgana Fabiola Cambrussi (UFES)

Prof.^a Dra. Mary Neiva Surdi da Luz (UFES)

Prof.^a Dra. Mirian Santos de Cerqueira (UFG)

Homônímia em anedotas: uma análise da ambiguidade lexical como efeito de humor¹

Karine Taiza Mendes Valentim²

karine_ktm@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa trata-se de uma análise semântica que investiga o emprego de termos homônimos como parte da estrutura microtextual do gênero anedota, na elaboração do efeito de humor. O trabalho se estrutura sobre o estudo da homônímia e dos gêneros textuais, tendo em vista a sua coexistência e interdependência para o fenômeno investigado. O humor é parte constituinte e estável da estrutura do gênero anedota, enquanto a homônímia é um dos recursos utilizados como forma de garantir esse efeito. Foram analisados os livros “As mais rápiadas de Ary Toledo” e “As melhores piadas do planeta e da Casseta também” e selecionadas as ambiguidades lexicais, após isso, as anedotas selecionadas foram divididas em homônimas e polissêmicas; em seguida, foram selecionados os casos de homônímia para compor este artigo. Analisou-se, a partir daí, como a característica da homônímia de incompatibilidade de sentidos é utilizada como humorização do gênero, por meio da tentativa de aproximar sentidos incomuns e não relacionados entre si; comprovou-se que o humor, nos casos abordados, decorre desse gatilho, que aciona um sentido após o outro, por meio da utilização de termos homônimos.

PALAVRAS-CHAVE: ambiguidade lexical; homônímia; gênero anedota.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo examinar a utilização da linguagem ambígua, a presença e a recorrência de termos homônimos no gênero anedota³, analisando semanticamente o gênero e sua estrutura microtextual na elaboração do efeito de humor. Desse modo, seus objetivos partem da identificação de itens lexicalmente ambíguos, de seu efeito de humor no gênero anedota e da distinção dos casos de homônímia e de polissemia em textos de cunho humorístico, em que a ambiguidade lexical é empregada como recurso para a produção de humor. Este trabalho também analisa microestruturalmente a contribuição da homônímia para a geração do efeito de humor no gênero pesquisado.

Considerando o exposto, este estudo foi conduzido a partir da seguinte questão de pesquisa: de que forma a homônímia contribui para a construção do efeito de humor no gênero anedota? Sua organização se deu em duas frentes de estudo: uma é o estudo da homônímia e outra dos gêneros textuais, pois ao mesmo tempo em que o humor é parte

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador (a) Prof(a). Dr(a). Morgana Fabiola Cambrussi.

² Acadêmico (a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ Os termos anedota e piada são utilizados como sinônimos neste trabalho, porém, por uma questão de uniformidade, o termo anedota será o de uso padrão.

constituente e estável da estrutura do gênero analisado, a homonímia é, por muitas vezes, utilizada como forma de garantir este efeito.

É importante destacar que o gênero escolhido para este trabalho possui grande repercussão entre os leitores, podendo ser facilmente encontrado em jornais, tanto impressos quanto digitais, em redes sociais e aplicativos de comunicação. É a leitura que se busca com intuito de relaxamento e descanso, cumprindo seu papel comunicativo social, como nos aponta Koch (2009). Tornou-se necessário, ao longo da pesquisa, um afinamento teórico, que parte da ambiguidade para a ambiguidade lexical e da ambiguidade lexical para homonímia (objeto de estudo desta pesquisa). A ambiguidade é a característica de alguns enunciados em admitir mais de uma leitura, podendo ter dois ou mais sentidos. Conceito sobre o qual Ferraz (2014) discorre. Esse fenômeno linguístico pode ser decorrente da estrutura da frase (ambiguidade sintática), ou da presença de um vocábulo com multiplicidade de sentido: os lexemas ambíguos, homônimos ou polissêmicos. Nos casos de polissemia, há um sentido de base comum entre os termos, ou seja, eles não são incompatíveis e optar por apenas um sentido não é uma exigência. É o exemplo do lexema “letra”, que pode ser letra de uma música, letra do alfabeto ou letra de quem escreve. Diferentemente da homonímia, em que, embora os vocábulos tenham mesma estrutura fonológica ou até mesma ortografia, é necessário optar por um dos sentidos, pois estes não têm base comum de significado. Por exemplo, o lexema “banco”, que pode ser agência financeira ou móvel para sentar-se, um sentido é excludente do outro, não complementar.

Essas diferenças entre um e outro caso de ambiguidade lexical e as formas para identificar se o lexema é homônimo ou polissêmico são parte do referencial teórico, base para este artigo e classificadas a partir dos “testes de identidade” propostos por Pinkal (1995). Por fim, destaca-se que a não identidade é característica da homonímia de incompatibilidade que, no caso da anedota, parece ser utilizada como humorização do gênero, na tentativa de aproximar sentidos incomuns.

Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano das pessoas, servem como ferramenta de comunicação e têm estrutura própria. A leitura é uma ferramenta para o aprendizado, por meio dela adquirem-se novos conceitos e conhecimentos de diferentes áreas, dessa forma, os gêneros textuais, além de serem mediadores da comunicação e da interação social, também são, de acordo com Rocha (2013), um recurso didático presente nas salas de aula. São muitos os textos do cotidiano que fazem parte do livro didático, mas o texto humorístico tem ganhado destaque nas obras mais recentes. A Charge e as Histórias em Quadrinhos, por exemplo, são

facilmente encontradas no livro didático como base para atividades de interpretação textual, análise estrutural e ampliação do léxico do aluno. As anedotas são facilmente encontradas em jornais, blogs de humor, em mídias sociais e em aplicativos de comunicação. Esse gênero pode aparecer na modalidade oral ou na escrita, uma vez que circula como texto impresso ou digital, ou em forma de vídeo em aplicativos como *whatsapp*. Também se apresenta como ferramenta de recreação; desse modo, utiliza-se de uma linguagem mais informal. Na atualidade, há pouca produtividade de pesquisas voltadas à análise e ao estudo da homonímia, principalmente em relação à compreensão de textos do gênero anedota. Nesse sentido, considera-se relevante um estudo como o proposto por este artigo, não buscando esgotar o tema, mas como contribuição inicial de pesquisa, capaz de apontar novas pesquisas que se realizem com o mesmo foco.

2 Referencial teórico

2.1 Gêneros Textuais

Esta seção busca tratar dos gêneros textuais e da sua importância no universo comunicativo, do ponto de vista da socialização dos conhecimentos, do acesso a informações e da inegável utilidade do texto no cotidiano. Como apontam Meurer e Motta-Roth (2002), o estudo dos gêneros é indispensável para compreender o que acontece ao utilizarmos a linguagem nas interações com diferentes grupos sociais, uma vez que ela é o sistema que media todos os discursos.

Para conceituar o que são gêneros textuais, partimos da visão de Bakhtiniana, que é o cerne teórico dessa pesquisa, visto que suas ideias são a base para os outros autores. Bakhtin (1997) apresenta uma concepção mais adequada à flexibilidade das produções contemporâneas. Para ele, os gêneros são “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” Bakhtin (1997, p. 280) determinados sócio-historicamente, através dos quais nos comunicamos, assim, em decorrência da abundante variedade de atividade humana, os gêneros também têm variedade infinita. Os gêneros, segundo o autor, mediam a relação produtor- produto- receptor, pois defende que “Dois fatores determinam um texto e o tornam um enunciado: seu projeto (a intenção) e a execução desse projeto [...] a luta entre eles que imprime o caráter no texto”. Outro apontamento relevante, segundo Bakhtin (1997), é o papel dos gêneros, que consiste em orientar os produtores, apresentando-lhes modelos de escritura, “o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*” Bakhtin (1997, p. 302) e

funcionam como perspectivas para os leitores, que podem, por sua vez, criar uma expectativa de leitura. Como o autor aponta a seguir:

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1997, p. 302).

Sendo assim, a produção textual deve atender a algumas necessidades básicas, como por exemplo, a finalidade do texto, a situação de comunicação e os interlocutores envolvidos, pois os gêneros incorporam e refletem a sociedade de sua ocorrência (PINHEIRO, 2002).

Tendo em vista a ampla utilização dos gêneros textuais e a dinamicidade e variabilidade da linguagem, pode-se afirmar que os gêneros também são dinâmicos e variáveis e mudam em concordância com a necessidade de comunicação existente e os avanços tecnológicos. Um exemplo claro disso é o gênero carta, que, em função da informatização, já não é tão utilizado e foi substituído pelo gênero mensagem eletrônica. “A proliferação de ‘novos’ gêneros certamente está associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunicação no mundo contemporâneo” (PINHEIRO, 2002, p. 262). Como nos aponta o autor:

Além de criar e recriar representações, formas de conhecimentos e crenças, os textos refletem, constituem e podem desafiar e transformar tipos de relações entre indivíduos. Essas relações sociais dizem respeito às conexões, dependências e entrelaçamentos interpessoais, envolvendo os participantes do evento discursivo. (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p. 24).

De acordo com Pinheiro (2002), os gêneros podem ser divididos em primários e secundários, os primários são aqueles que surgem da interação cotidiana, já os secundários são provenientes do discurso literário e científico, aparecendo em situações de interação mais complexas e culturalmente mais evoluídas. Há, nessa divisão, uma hibridização dos gêneros, pois os gêneros secundários, como caracteriza abaixo (Pinheiro (2002), absorvem e transformam os primários:

[...] os gêneros primários, na composição dos gêneros secundários transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente. Assim um diálogo ou uma carta, quando inseridos num romance, já não são mais um diálogo cotidiano ou uma carta pessoal, mas parte do romance. (PINHEIRO, 2002, p. 268).

Nessa perspectiva teórica, tomando como base a relação do texto e seu contexto social, Pinheiro (2002) aponta para uma noção de gênero vinculada à recorrência de parâmetros e de propriedades discursivas presentes na sociedade, concluindo que os textos são codificados e decodificados, elaborados e percebidos sob estas perspectivas, de acordo com Meurer e Motta-Roth (2002), por meio de formas estáveis de ver e ler, falar e ouvir, utilizando enunciados também estáveis. Para pontuar ainda mais o conceito de gênero, partimos da definição apresentada por Marcuschi (2002), “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Sendo assim, é dever do ensino desenvolver nos alunos a consciência linguística que estrutura as ações humanas possibilitadas pelo discurso. É por meio dele que nos inserimos socialmente e construímos nossa identidade. “A identidade imbrica-se com as representações da realidade que os indivíduos criam em seus textos e com os relacionamentos sociais que os indivíduos articulam”. (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p. 26).

Dessa forma, por meio do estudo dos gêneros, os indivíduos desenvolvem a competência de interagir convenientemente em práticas sociais diversas.

Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre o mundo, de levar outros a agir, de construir mundos possíveis, aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual. (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p.10).

Essa prática pedagógica, defendida por (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002), na qual a docência faz parte de um processo de formação de caráter e personalidade em que os alunos são diretamente influenciados por seus professores e o método que utilizam, o trabalho com diferentes gêneros textuais, além de desenvolver a habilidade comunicativa nos alunos como exposto acima, também aproxima teoria e prática, trazendo, para dentro do ambiente escolar, práticas discursivas atuais, com as quais os alunos se deparam cotidianamente.

2.1.1 O mundo do narrar/ expor

Após abordar, neste referencial, os gêneros textuais e sua relação ou dependência a diferentes situações comunicativas, esta subseção, por sua vez, trata dos gêneros de textos e tipos de discurso apresentados por Bronckart (2006; 2009). Para o autor, os gêneros

acompanham o tempo e a história da construção social da linguagem e são afetados pelas atividades comunicativas e culturais. Logo, ao produzir um texto, escolhemos o gênero que mais se adapta à intencionalidade do projeto de dizer, ou é mais pertinente à necessidade da situação comunicativa, após isto, o produtor também adapta este gênero às particularidades da situação. Logo, o texto produzido será um gênero com características do modelo escolhido e dessas adaptações.

De acordo com Bronckart (2006), o resultado disso é um texto empírico, que utiliza bases existentes, recorrentes e cristalizadas pelo uso, porém, carrega os traços das situações de produção. Partindo da visão bakhtiniana, seguimos “quadros obrigatórios de produção verbal”, mas essa natureza norteadora do gênero, pela dinamicidade citada acima, não enclausura produtores e receptores, barrando sua criatividade, apenas os orienta a produzir textos que se adequem a situações e épocas diferentes (PINHEIRO, 2002, p. 271). Ao produzir um texto de determinado gênero ou outro, é o conhecimento da estrutura intrínseca ao gênero que nos aponta, por exemplo, o formato e a linguagem a ser utilizada, porém, tais informações prévias não inibem o escritor, apenas auxiliam na adequação de texto à situação e produtor/receptor. Desta forma, os gêneros atuam como norteadores na produção textual, uma vez que interferem nas escolhas do produtor do texto e, conseqüentemente, na sua adaptação à situação comunicativa, como aborda Bronckart (2006):

Qualquer produção de texto implica, conseqüentemente e necessariamente, *escolhas* relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística. Nesta perspectiva os gêneros de textos são produtos de *configurações* de *escolhas* entre esses possíveis, que se encontram momentaneamente “cristalizados” pelo uso. Tais escolhas dependem do trabalho que as formações sociais de linguagem desenvolvem, para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um dado meio comunicativo, eficazes diante de um desafio social. (BRONCKART, 2006, p. 143).

Ao tratar de gêneros, Bronckart diferencia os textos que pertencem a um gênero e os tipos de discurso. Os textos “[...] são unidades comunicativas globais, articuladas a um agir de linguagem ao passo que os segundos são unidades linguísticas infraordenadas que não se constituem textos por si mesmos, mas que entram na composição dos textos em modalidades variáveis.” (BRONCKART, 2006, p. 150). Os tipos de discurso são as características linguísticas e a forma que se realiza um plano enunciativo, são peculiaridades que se repetem e são intrínsecas a cada gênero, como conceitua o autor:

[...] a) os tipos de discurso são formas linguísticas primeiras, que se construíram com as atitudes enunciativas que traduzem; b) o uso desses tipos e as reflexões avaliativas feitas sobre os mesmos produziram conhecimentos gerais [...] c) esses conhecimentos forneceram, secundariamente, quadros interpretativos que podem ser “projetados” sobre qualquer espécie de produção textual: por exemplo, se uma carta é considerada como narrativa, é porque podemos projetar sobre a totalidade desse texto um esquema interpretativo proveniente do nosso conhecimento do tipo linguístico narrativo e de seus efeitos. (BRONCKART, 2006, p. 153).

De acordo com Bronckart (2009), os tipos de discurso podem ser divididos em dois mundos, ou duas ordens que são: os tipos de discurso da ordem do expor e os da ordem do narrar. Cabe à ordem do expor o discurso teórico e, à ordem do narrar, o discurso narrativo. A principal diferença entre essas ordens, é que o mundo do narrar permite um narrar ficcional e um narrar realista, quando, no mundo do expor, os elementos ficcionais podem ser tratados como falsos. Como caracteriza, na sequência, o autor:

[...] podemos então distinguir entre um NARRAR *realista*, que veicula um conteúdo que pode ser avaliado e interpretado de acordo com o essencial dos critérios de validade do mundo ordinário, e um narrar *ficcional*, cujo conteúdo pode apenas parcialmente ser sujeito a uma tal avaliação. Quando nos situamos na ordem do EXPOR, a situação parece se apresentar de modo diferente, sendo o conteúdo temático dos mundos discursivos conjuntos, em princípio, interpretados sempre à luz dos critérios de validade do mundo ordinário. [...] a ficção que funciona nos mundos da ordem do NARRAR será considerada como uma característica *normal* do gênero adotado, enquanto que a ficção nos mundos da ordem do EXPOR será geralmente objeto de uma avaliação [...] podendo ser os elementos ficcionais expostos serem considerados, conforme o caso, como *falsos, delirantes*. (BRONCKART, 2009, p.153).

Tendo em vista a diversidade textual do mundo contemporâneo, devido à dinamicidade na comunicação, o contato com diferentes tipos de discurso torna-se ferramenta básica para a interação. Esses conceitos apresentados por Bronckart partem dessa perspectiva, da linguagem como organizadora das relações humanas e de seu uso consciente, ou seja, da capacidade de adaptação da linguagem à situação correspondente e da escolha do gênero mais adequado a cada necessidade, pois é por meio dos gêneros que o indivíduo se inscreve na sociedade e forma sua identidade discursiva.

2.1.2 Gênero anedota

Partindo do mundo narrativo, ao estudar a estrutura do objeto de estudo deste trabalho, o gênero anedota, nota-se que muitos autores trazem esse tipo de discurso como intrínseco à estrutura do gênero. Ottoni (2007) utiliza esse conceito com base em Ruch, Attardo e Raskin (1993), pois defendem que “[...] qualquer piada tem que ser enquadrada em alguma forma de

organização narrativa, isto é, ou como uma narrativa simples, ou como fazendo parte de uma conversa”. Como mencionado anteriormente, o mundo da ordem do narrar permite a narrativa ficcional, que o mundo do expor não permite, de acordo com Ottoni (2007), trata-se de um diálogo entre os personagens que tem por característica ser ficcional e curto, e também fornecer o contexto ficcional em que ocorre.

Dessa forma, é necessário pensar sobre: O que é o gênero anedota? Quais as características intrínsecas a sua estrutura? Seu objetivo consiste apenas em provocar o riso? Para responder a essas perguntas, partimos do embasamento apresentado por Costa (2008) que aborda a anedota como uma “narrativa (v.)breve de um fato engraçado ou picante sobre pessoas “públicas”. Logo segundo o autor o gênero anedota é caracterizado por um texto curto de final surpreendente. É um gênero que serve tanto para divertir quanto para criticar, por possuir temáticas diferentes, logo pode espelhar ou reproduzir a sociedade em que ocorre, pois pode ser utilizado para a reflexão a respeito de tabus histórico-socialmente estabelecidos.

Tendo em vista essa definição do gênero, como o que reflete a sociedade por possuir temática de conteúdos reprimidos, não se pode afirmar que seu objetivo único é produzir o riso, mas também desenvolver o pensamento crítico social sobre assuntos da atualidade. Para Possenti (1998), a anedota possui temáticas polêmicas e as difunde entre seus leitores, por esse motivo o autor a caracteriza como um gênero transgressor.

Pensando nessa relevância do gênero anedota, Santos (2010) elenca motivos a favor do trabalho com o gênero na escola.

Os objetivos gerais para o trabalho didático com a piada são: a) o desenvolvimento das capacidades de leitura; b) desenvolvimento das capacidades de escrita; c) tomada de consciência da relevância da intertextualidade; d) aproximação com a língua por meio da percepção de sua dinamicidade (variação linguística, desusos, níveis de adequação, etc); e) aprender o tipo textual narrativo; f) explorar a multiplicidade de efeitos de sentido; g) aprender a lidar com a ambiguidade com outros recursos. (SANTOS, 2010, p. 113).

Em relação a como identificar o gênero anedota, frente à diversidade dos gêneros de humor, como a charge, a tirinha, o cartum etc., há alguns itens básicos que caracterizam o gênero, como por exemplo, a presença da estrutura narrativa, texto curto, a quebra de expectativa ao final, ser encontrado na forma escrita ou oral e o fato de servir para divertir ou criticar. Esses itens servem como critérios de avaliação e de classificação do gênero, como também nos aponta Santos (2010, p. 115):

✓ Texto curto;

- ✓ Estrutura narrativa em que primeiro acontece a contextualização do lugar ou situação, depois apresenta discurso direto (diálogo);
- ✓ Veicula variedades linguísticas assim como temáticas, abordando assuntos cotidianos e/ou polêmicos;
- ✓ Demanda várias relações intertextuais;
- ✓ Possui como propósito primeiro o de divertir, mas também podem ter como função, criticar, manter relações de poder e difundir preconceitos;
- ✓ Possui uma carga de sentidos múltiplos que opera na quebra de expectativa no fechamento do texto, quando o leitor opta por escolhas ambíguas e deslocamento de sentido;
- ✓ Pode ser transmitida por meio da linguagem oral ou escrita;
- ✓ Circula em espaços informais em que há intimidade entre os participantes ou espaços em que há abertura para descontração.

Os subitens anteriores indicam as características do gênero anedota, entre elas, o meio de circulação, sua funcionalidade e itens básicos que o ouvinte/leitor espera encontrar nesse gênero, como por exemplo, o final inesperado. Para Possenti (1988) esse imprevisto que foge ao foco estabelecido inicialmente pelo falante, é que é responsável pela humorização do gênero, como o autor explica a seguir:

Todo o efeito de humor é decorrente de que o primeiro falante escolhe um foco e a resposta é dada como se ele tivesse escolhido um outro. Isso pode ser obtido graças à indeterminação do escopo quando a categoria que o seleciona está posicionada no início de uma cadeia cujas partes todas têm potencialidade para ser alternativamente escopos. O procedimento malicioso de quem responde consiste em fazer como se o primeiro falante tivesse selecionado um escopo muito específico, sobre o qual incidirá a resposta. A tarefa do leitor/ouvinte é perceber a diferença entre a intenção do falante e a esperta seleção do interlocutor. (POSSENTI, 1988, p. 113).

Como já mencionado, os gêneros textuais desempenham um papel importante na interação, uma vez que mediam a comunicação entre produtor-receptor e nossa ação sobre o mundo. Cada gênero textual possui características específicas e se adequa a diferentes situações comunicativas. No caso do gênero anedota, suas características são veiculadas ao discurso narrativo e a essa quebra de expectativa ao final da narração. A homonímia apareceria então, como forma de quebra de expectativa, ao apresentar mais de uma interpretação possível para uma expressão linguística e, dessa forma, gerar o efeito de humor. Logo, para entender como esse efeito é construído, passamos à outra parte do embasamento teórico desta pesquisa: a definição de ambiguidade.

2.2 Ambiguidade e Vagueza

De acordo com Ferraz (2014), a ambiguidade é a característica de enunciados ou termos com mais de um significado. Em relação à indeterminação dos sentidos, a autora

destaca a importância da distinção entre ambiguidade e vagueza, tendo em vista que essa discussão é o ponto de partida para o estudo do significado.

Começando pela conceituação de vagueza, conforme Ferraz (2014), essa indeterminação diz respeito à abrangência dos termos e sua empregabilidade duvidosa, o fato de depender do conhecimento de mundo para ponderar seu grau de verdade. Um exemplo claro de vagueza nas línguas naturais são os adjetivos, como explica a autora:

Entende-se que ocorre vagueza quando um termo, por ser muito abrangente, apresenta casos duvidosos de aplicação. Assim, os adjetivos são palavras vagas, pois não há um limite preciso de sua aplicabilidade. Por exemplo, quando classificamos alguém como alto, baixo, grande, pequeno, inteligente ou bom, estamos usando palavras relativas, que são totalmente dependentes de um contexto. Não podemos afirmar que alguém é alto ou baixo, se não houver um parâmetro de comparação para definição do que significa ser alto ou baixo. (FERRAZ, 2014, p. 124).

Para Chierchia (2003), todas as expressões da nossa língua possuem uma área de vagueza, mesmo aquelas bem definidas, como por exemplo, o verbo *roncar*. O autor afirma que mesmo em enunciados como “Léo Ronca” há uma dificuldade na determinação do sentido, visto que pode significar os barulhos que Léo faz ao dormir, ou que Léo respira com dificuldade. Se o contexto der ao ouvinte suporte suficiente para escolher entre uma das interpretações, a vagueza é solucionada, porém, se não, o ouvinte continuará sem saber a que sentido recorrer. Como o autor expõe a seguir:

Se, por exemplo, nos perguntamos quem ronca para determinar quem precisa de uma operação de adenoide, poderá ser razoável escolher uma interpretação na qual os barulhos de Léo são considerados como roncar. Se, por outro lado, o contexto não nos oferecer nenhuma razão para escolher entre as interpretações possíveis [...] então continuaremos indecisos. (CHIERCHIA, 2003, p. 225).

Uma situação bem distinta da falta de limites claros para se delimitar o significado de uma expressão é aquela em que os significados estão delimitados, mas são plurais, ou seja, mais de um, esse é o caso da ambiguidade. A utilização do termo “palavras” indica o tipo de ambiguidade selecionada para este trabalho, a ambiguidade lexical, na qual a duplicidade de interpretações decorre do fato de haver diferentes acepções que se podem atribuir a um mesmo item lexical, como nos aponta Cançado (2013), na sentença: Eu gosto deste *banco*. O item lexical *banco* é responsável pela ambiguidade nessa frase, uma vez que pode significar peça de mobília ou instituição financeira. A autora apresenta também outros tipos de ambiguidade presentes na língua, como a ambiguidade sintática, na qual as diferentes interpretações são desencadeadas pela estrutura e pela ordem dos termos na sentença, a ambiguidade semântica, relacionada à correferência gerada pelo uso dos pronomes, e a

ambiguidade de escopo, em que a maneira de organizar a relação de distribuição de atributos indetermina se se trata de sentido coletivo ou individual.

Não desenvolvemos cada um dos tipos de ambiguidade apresentados, tendo em vista nosso fenômeno estar ligado apenas à lexical, em que, pode-se dizer, grosso modo, que

[...] as palavras possuem dois ou mais sentidos diferentes. Em alguns casos, os diferentes sentidos não apresentam relação, como ocorre com o termo *banco*, em que temos os sentidos $\text{banco}_1 = \text{assento}$ e $\text{banco}_2 = \text{instituição financeira}$, processo definido como homonímia. Em outros casos, denominados de polissemia, é perceptível que os sentidos estejam relacionados, como em *igreja*, cujos sentidos podem ser ao menos três: espaço físico, instituição religiosa e grupo de pessoas que dela fazem parte. (FERRAZ, 2014, p.125).

Na ambiguidade lexical, a pluralidade dos significados diz respeito a uma unidade lexical, que pode ser classificada como homônima ou polissêmica, o que é abordado com maior aprofundamento nos subitens que seguem.

2.2.1 Ambiguidade Lexical

Como vimos na seção anterior, há dois tipos de ambiguidade lexical: uma delas depende da homonímia e a outra da polissemia. Para Lyons (1977) a diferença entre homonímia e polissemia é mais fácil de explicar de forma geral do que é de definir em critérios objetivos e satisfatórios em termos operacionais. O autor começa por perguntar quais critérios os linguistas e os lexicógrafos aplicam para decidir, por exemplo, o tratamento dado à palavra *port* que significa *porto* e *port* que é um tipo de vinho mais forte, já que são distintos, mas são lexemas homônimos. Por outro lado, a palavra *boca*, em inglês *mouth*, é simplesmente um lexema polissêmico, um lexema com diferentes sentidos, que pode ser o órgão do corpo ou a entrada de uma caverna.

O autor discorre sobre os critérios na formação etimológica do lexema e que é acrescentada a várias entradas em dicionários. Um desses critérios é o conhecimento do lexicógrafo da derivação histórica das palavras, que geralmente é tomada como suficiente, embora não necessariamente seja uma condição de homonímia dos lexemas em questão, que se desenvolveram de outros lexemas distintos em algum outro estágio da linguagem. Por exemplo, *ear*; em português *orelha*, órgão de ouvir, ou *ear* uma parte de plantas cereais, são tratados como homônimos na língua inglesa por questões de critério etimológico, uma vez que, no inglês antigo, do qual esses termos derivam, origens distintas formam esses dois

lexemas que passaram para o inglês médio. Entretanto, na prática, o critério etimológico não é sempre decisivo, primeiro porque há muitas palavras cuja derivação é incerta.

De acordo com Lyons (1977), o lexema *port* (porto) deriva do latim *portos*, e o outro significado de *port* (tipo de vinho), deriva do nome da cidade de Portugal, onde a bebida é produzida e de onde é exportada. Em português, *porto* deriva da mesma expressão latina e apresenta a mesma circunstância de ambiguidade lexical. Quando as palavras (não) são relacionadas etimologicamente, identificar a não relação entre os diferentes sentidos do item lexical e, portanto, sua homonímia, ou a relação que caracteriza a polissemia depende de como nós estamos preparados para analisar historicamente a derivação dessas palavras. Com base nesses apontamentos, Lyons (1977) considera que o critério de relação etimológica não é tão explícito quanto parece quando olhamos as palavras em uma primeira impressão.

Mesmo assim, essa não é a principal crítica contra o sistema etimológico apresentada por Lyons (1977). Pode ser útil os dicionários apresentarem as informações sobre a história das palavras, mas essa informação deveria ser irrelevante na análise sincrônica das línguas, principalmente porque, na maioria das vezes, o falante nativo não sabe da origem etimológica das palavras que usa na sua interação pela linguagem, logo, é uma questão que não afeta o sentido atribuído socialmente às expressões linguísticas.

O segundo maior critério trazido pelos linguistas e lexicógrafos na distinção de homonímia e de polissemia é o fato de os diferentes sentidos estarem relacionados ou não, o que é uma consideração sincronicamente relevante. Para Lyons (1977), a distinção entre homonímia e polissemia é pré-teoricamente determinável, deveria então estar relacionada com a sensação que o falante nativo tem de que determinado sentido será conectado a outro ou não. Por exemplo, todos os falantes de inglês provavelmente concordarão que o substantivo *mouth* (boca) é um lexema singular com muitos sentidos relacionados, nesse caso, seria polissêmico. Com isso, embora não soubessem explicar questões teóricas, esses falantes seriam capazes de explicar expressões como *boca do rio*, *boca da caverna* e *boca da garrafa* (e suas diferentes situações de uso) a partir da ideia básica de *abertura por onde algo passa*.

Há vários problemas, entretanto, que são suscitados quando o critério pré-teórico de relação de sentido é feito com base na distinção entre polissemia e homonímia: o primeiro desses problemas é que a relação de sentido parece ser uma questão de grau, gradativamente relacionada a determinado termo. Nesse sentido, a relação entre *boca da caverna* e *boca da garrafa*, em que se denota uma abertura, é mais explícita que a que essas expressões mantêm com *boca do rio*, muito menos óbvia. Uma questão suscitada para o semanticista descritivo é

quando se deve ou não levar em conta as intuições do falante nativo de relações de sentido quanto a decidir se um fenômeno é polissêmico ou homônimo. Tem sido demonstrado que as intuições nesse sentido estão correlacionadas a diferenças empíricas no uso das palavras e o linguista deve bem decidir o que é preferível nesse caso.

Para a definição da noção tradicional de homonímia, Lyons (1977) aponta que precisamos invocar a equivalência gramatical, que é baseada parcialmente na relação da equivalência sintática existente entre os lexemas e parcialmente sobre a identidade flexional. De acordo com o autor, para se constituir a homonímia, é necessário que os termos pertençam a mesma classe gramatical e se realizem na mesma posição na sentença. Um exemplo disso são os verbos *acender*₁ (ligar, atear fogo) e *ascender*₂ (subir, atingir ponto mais elevado), que são casos de palavras homófonas, com identidade de classe gramatical, mas com significados claramente distintos e não relacionados. São termos homófonos porque possuem identidade de forma fonológica e são dois verbos (mesma classe) com sentidos distintos, constituem, portanto, um caso de homonímia.

Com base nesse critério, termos como *meia*₁ (expressão partitiva) e *meia*₂ (peça do vestuário) não são um caso de homonímia, mas somente de homografia, pois têm grafias iguais, porém pertencem a classes gramaticais diferentes, este é substantivo e aquele é numeral, assim não se encaixam na mesma posição na sentença (muito embora um numeral possa ter função adjetiva, como em *meia entrada*, a tradição gramatical considera que a natureza da classe de palavras é outra, quantificadora, enquanto adjetivos possuem função qualificadora). Esses critérios apontam que, para o autor, mesmo que dois itens tenham mesma grafia, podem não constituir um caso de homonímia, pois a homonímia só acontece quando há combinação da classe gramatical com a homofonia ou homografia. No exemplo dado acima (*acender* e *ascender*), tratam-se de dois verbos homofônicos, logo homônimos. Outro exemplo são os substantivos *pata*₁ (a fêmea do pato) e *pata*₂ (extremidade dos órgãos que o animal usa para se locomover), pertencem à mesma classe e possuem mesma grafia, mas seus sentidos não possuem relação básica entre si, então, são itens lexicais homônimos.

Outro problema para a metáfora do léxico, apontado por Murphy (2003), é o fato de que os itens lexicais podem mapear diferentes conceitos e, dessa forma, ser polissêmicos, a questão é que não há limite para a polissemia de uma palavra. O dicionário lida com a polissemia listando um pequeno número de sentidos de qualquer palavra ou entrada, listar o significado no léxico está fadado à falha, uma vez que o número de sentidos de uma palavra é ilimitado. Murphy (2003) destaca a importância do contexto e do conhecimento de mundo

que o falante tem para a interpretação dos enunciados, por exemplo, a compreensão do item lexical *chá* depende da categoria de chá a que o falante tem a intenção de se referir e da categoria que o ouvinte conhece, pode mudar de acordo com o conhecimento de mundo de ambos e de acordo com as expectativas do contexto.

Dessa forma, a autora afirma que não se pode supor um inventário de sentido das palavras, por outro lado, o sentido de qualquer palavra é o resultado de uma negociação implícita entre os membros da interação em conformidade com as suas convicções de como se usa convencionalmente uma palavra. Assim, as palavras não têm um número fixo de sentidos e as entradas lexicais não podem representar todos os sentidos de uma palavra, uma solução é presumir que os vários sentidos atribuídos podem ser, em algum nível, ilusórios. Outra abordagem é presumir que palavras polissêmicas têm um único sentido que é parte da entrada lexical e que os outros sentidos são derivados das regras lexicais, nessa abordagem, o sentido representado lexicalmente pode ou não ser estruturalmente mais simples do que os outros. Nunberg (1978 *apud* MURPHY, 2003) afirma que o conhecimento do sentido de uma palavra é um tipo de conhecimento do coletivo das convicções da comunidade de fala, sendo assim, o conhecimento do sentido de uma palavra não é apenas linguístico, mas interage com o conhecimento de como os membros de uma comunidade de fala comunicam e o reconhecimento que têm do que as palavras designam; isso é possível porque sabemos das convenções de uso das palavras.

2.2.2 Homonímia e Polissemia: testes de identificação

Em relação às diferenças entre homonímia e polissemia e às possibilidades de se diferenciar esses dois tipos de ambiguidade lexical, Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014) propõe três testes de identificação, que são eles: teste da identidade, teste das condições de verdade e teste de sentido de base comum.

Quanto ao teste de identidade, a diferença entre homonímia e polissemia, segundo o autor, é que, no caso de itens homônimos, a precisificação deve ser retomada, não sendo aceitável referenciar a dois sentidos distintos do mesmo termo, como no caso *taxa*₁ (imposto) e *tacha*₂ (prego pequeno), no exemplo,

(1) João reclamou da tacha/taxa e Ana também.

Quando a sentença (1) é realizada na modalidade oral, pois na escrita a ausência da homografia exclui a ambiguidade, um sentido de taxa/tacha é excludente do outro e, nos casos

de retomada com *também* (o que responde pelo teste de identidade), ao se selecionar um, o outro é automaticamente eliminado. Segundo o teste de precisificação, portanto, se João reclamou da taxa imposto, Ana também e se João reclamou da tacha prego, Ana também, não podendo retomar um sentido anterior diferente. Com isso, a sentença (1) envolve homonímia e só pode ser interpretada como (2), estando as interpretações (3) e (4) bloqueadas, conforme evidencia o teste de identidade:

(2a) João reclamou da tacha e Ana reclamou da tacha.

(2b) João reclamou da taxa e Ana reclamou da taxa.

(3) #João reclamou da taxa e Ana reclamou da tacha.

(4) #João reclamou da tacha e Ana reclamou da taxa.

Se na homonímia a precisificação deve ser retomada, no caso da polissemia isso não é uma exigência e recorrer a mais de um sentido é aceitável. É característica da polissemia, então, poder retomar uma precisificação que não a inicial. Por exemplo:

(5) João gostou do livro e Pedro também.

Nesse caso, João pode ter gostado da obra narrativa e Pedro do formato, do estilo da capa ou das ilustrações, ou seja, a retomada por *também* não limita as possibilidades de interpretação à precisificação de sentidos: é possível que João e Pedro tenham gostado do mesmo aspecto, mas é possível também que tenham gostado de aspectos distintos do objeto *livro*. Isso ocorre porque há um sentido de base comum entre os itens lexicais, que não bloqueia os outros sentidos, como explicitam algumas das possibilidades de interpretação de (5), realizadas nas sentenças (6) e (7).

(6) João gostou do enredo do livro e Pedro gostou do formato.

(7) João gostou da capa do livro e Pedro gostou da história.

De acordo com Ferraz (2014), há um grau de aceitabilidade para se retomar diferentes interpretações nos casos de polissemia, que em casos de homonímia não acontece. Por mais que, de acordo com o contexto, a interpretação que o ouvinte terá da sentença *João gostou do livro e Pedro também* possivelmente será de retomada do mesmo sentido de *livro*, a retomada de sentidos diferentes não é completamente impossível. No caso da sentença *João reclamou da tacha/taxa e Ana também* os dois sentidos de tacha/taxa na modalidade oral são totalmente incompatíveis e não se abre espaço para duplicidade.

O segundo teste apresentado por Pinkal (1995 apud FERRAZ, 2014) é chamado de teste das condições de verdade e serve como forma de “[...] verificar se há uma sobreposição dos valores de verdadeiro e falso e se isso impõe a escolha de um dos sentidos.” (FERRAZ,

2014, p. 132). Se for necessária a escolha por um dos sentidos, ou seja, se houver a necessidade de desambiguação da sentença por esta possuir somente um valor de verdade, temos a homonímia. Se não houver essa necessidade e for permitido mais de um valor de verdade, temos a polissemia.

Como nos exemplos anteriormente citados, podemos afirmar que, ao mesmo tempo em que na sentença (5) João gostou do livro e Pedro também, é verdade que João gostou do livro (conteúdo), não é necessariamente falso que Pedro tenha gostado do livro (formato físico), ambos os sentidos podem ser considerados verdadeiros ao mesmo tempo. Além disso, a verdade de *João gostou do livro* enquanto conteúdo da obra não implica que não tenha gostado também da capa ou das ilustrações, ambos os sentidos podem ser verdadeiros ao mesmo tempo. Porém, na sentença *João reclamou da tacha/taxa*, se é verdade que João reclamou da *tacha*, então é falso que ele reclamou da *taxa*, ou seja, nos casos de homonímia, ou uma afirmação é verdadeira ou outra, não podendo ser verdadeiras as duas ao mesmo tempo, em se tratando da mesma circunstância de tempo e do mesmo João.

Após se utilizar da semântica de condições de verdade para análise da homonímia e da polissemia, Pinkal (1995 apud FERRAZ, 2014) apresenta o último teste na verificação de itens lexicais homônimos ou polissêmicos, a identificação se há ou não sentido de base comum entre os termos. Quando não há um sentido de base comum que possa relacionar outros sentidos entre si, constitui-se a homonímia. Quando há um sentido-base que seja comum entre os termos, constitui-se a polissemia.

Podemos aplicar esse teste aos itens *peça₁* (teatral), *peça₂* (flexão do verbo pedir), *peça₃* (parte, pedaço de um todo). Nesses casos, o item lexical *peça₁* é homônimo em relação a *peça₂* e a *peça₃*, por não compartilhar com eles uma base semântica comum. Entre esses três casos, não há uma característica que seja comum, um sentido que seja recorrente entre todas as acepções. Entretanto, *peça* é um item polissêmico se os sentidos comparados forem de *peça de carro* e *peça do vestuário*, cujo sentido base é o fato de os dois usos denotarem parte de um todo, mas possuírem existência independente dele, em outras palavras, existe uma acepção básica estruturada por metonímia (ser parte de) que une *peça de carro* e *peça do vestuário* e nos permite afirmar que, neste último caso, a palavra *peça* é polissêmica. Outro ponto que poderíamos destacar, se estivéssemos levando em conta o critério etimológico, é que, em sua origem, peças de teatro eram adaptações de narrativas mais extensas e, nesse caso, *peça de teatro* também reunia a acepção básica *ser parte de um todo, mas com existência independente*. Quanto ao item *peça₂* (flexão do verbo pedir), considerada a

mudança de classe gramatical, a exigência de manutenção categorial nos casos de homonímia nem ao menos manteve-se.

Esses testes apontados por Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014) são base de muitas pesquisas na área da semântica e da lexicografia. Sua importância é tal que Ferraz (2014) indica a necessidade de reorganização de alguns dicionários utilizando esses testes, que implicariam numericamente mudanças nas entradas lexicais e na forma de distribuição de seus significados. Por exemplo, se há a incompatibilidade de sentidos, casos de homonímia, são necessárias entradas lexicais diferentes, se os sentidos são compatíveis, caso de polissemia, deveria haver uma entrada com seus significados correspondentes listados.

Levar esses testes em consideração implica considerar um termo homônimo ou polissêmico dependendo do seu contexto, como é caso de *banca*, que pode ser tratado como homonímia se os sentidos forem de “barraca de feira *vs.* banca avaliadora” ou de “mesa/bancada *vs.* banca avaliadora”, mas pode ser tratado como polissemia, se os sentidos forem de “barraca de feira *vs.* banca de jornal”. Ainda assim, a distinção não é tão simples, como apontou Lyons (1977), já que *banca avaliadora* costuma designar um conjunto de indivíduos dispostos em uma espécie de mesa/bancada, cuja função é a apreciação de algo. Contudo, é bastante distante (se é que existe), na análise corriqueira do falante, a relação entre *banca de jornal* e *banca de TCC*, o que provavelmente indicaria mesmo um caso de homonímia.

3 Metodologia

Este trabalho foi realizado no âmbito da pesquisa bibliográfica e de análise textual e objetivou a análise dos livros “As mais rápidas de Ary Toledo”, de Toledo (1998) e “As melhores piadas do planeta e da cassetta também”, do grupo Cassetta e Planeta (1999). Foram escolhidas edições aleatórias dessas obras.

A escolha por trabalhar com livros de anedotas surgiu da necessidade de delimitação do corpus analisado; os dois livros selecionados são de anedotas e foram escolhidos por concentrar o gênero no qual a probabilidade do aparecimento da ambiguidade lexical é maior, uma vez que é recurso utilizado na produção do efeito de humor. Desse modo, a delimitação do objeto de pesquisa deste artigo começou pela escolha semântica, o estudo da ambiguidade lexical por homonímia, e depois pela seleção do gênero em que a ambiguidade lexical é mais recorrente, chegando-se ao estudo da ambiguidade lexical por homonímia no gênero anedota.

Embora sejam livros que, atualmente, possuem pouca circulação, no meio humorístico, os autores citados possuem ampla representatividade e reconhecimento, o que foi um ponto importante para essa seleção.

O livro “As mais rápidas de Ary Toledo” é composto de 175 anedotas e “As melhores piadas do planeta e da casseta também”, de 211 anedotas. Em uma primeira triagem, selecionamos as anedotas que continham em sua estrutura ambiguidades lexicais, analisando as anedotas a cada caso e selecionando aquelas em que o efeito de humor estava atrelado a um lexema ambíguo, resultando em 22 anedotas do livro de Ary Toledo e 22 anedotas do livro Casseta e Planeta.

Em um segundo momento, foram triadas as ambiguidades presentes nas anedotas selecionadas, com o critério de ambiguidade proposto por Lyons (1977), para o qual itens lexicais poderão ser considerados ambíguos somente se pertencerem à mesma classe gramatical. Dessa triagem, restaram 20 anedotas do livro de Ary Toledo e 18 anedotas do livro Casseta e Planeta.

A terceira etapa de triagem das anedotas teve como critério os conceitos de homonímia e de polissemia apresentados por Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014). Então, foram analisados todos os casos pré-selecionados e classificados entre homonímia e polissemia. O resultado da aplicação dos testes (disponível integralmente nos Apêndices 1 e 2) apontou o seguinte: (a) nas 20 anedotas colhidas do livro de Ary Toledo, ocorreram seis casos de homonímia e 15 casos de polissemia; (b) nas 18 anedotas colhidas do livro Casseta e Planeta, ocorreram dois casos de homonímia e 21 casos de polissemia. Para a análise que apresentamos a seguir, foram selecionados somente casos de homonímia, uma vez que é a ambiguidade tema deste trabalho. Não constam nesta análise todos os casos de homonímia que constituem as obras selecionadas, dado que, por uma maior polidez de linguagem, considerando a necessidade de adequação ao contexto linguístico-discursivo do texto acadêmico, formam a análise e a discussão dos casos de ambiguidade as anedotas mais amenas no que se refere à obscenidade vocabular e impropérios, porém, todos os casos de ambiguidade lexical foram analisados sem distinção ou censura e encontram-se em número completo e também testados nos apêndices deste artigo.

4 Análise e discussão de casos de ambiguidade por homonímia em anedotas

Nesta seção, tendo por base o conceito de Lyons (1977) de ambiguidade lexical e a diferenciação de Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014) dos fenômenos de homonímia e de polissemia, realizamos a análise detalhada de quatro anedotas selecionadas para discutir a utilização da homonímia como efeito de produção de humor no gênero narrativo anedota. Essa seleção é ilustrativa do fenômeno que investigamos; a totalidade dos casos estudados está registrada nos Apêndices 1 e 2 do trabalho.

Apresentamos primeiramente três anedotas do livro “As mais rápidas de Ary Toledo” e sua respectiva análise e, na sequência, uma anedota do livro “As melhores piadas do Planeta e da Casseta também”, com sua respectiva análise.

4.1 Amostra de testagem de homonímia em anedotas selecionadas

Após triadas as anedotas, com base primeiramente em Ferraz (2014) para a definição dos lexemas ambíguos, depois em Lyons (1977) sobre o pertencimento à mesma classe gramatical ser condição para ambiguidade lexical, chegamos aos casos de ambiguidade lexical por homonímia, separados dos casos de polissemia (presentes nos apêndices deste artigo), com a utilização dos testes de identificação propostos por Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014). Iniciamos a análise com a Anedota 1 do livro de Ary Toledo:

Anedota 1 (n. 8 do Apêndice 1)

CHIFRE

O menino chega em casa e comenta:

-Mãe... tô sentindo um cheiro de chifre queimado... Será que o pai caiu na fogueira?

(Pág. 48)

Nesta anedota, a expressão ambígua responsável pelo efeito de humor é “chifre”. A ambiguidade é causada pelo fato de o item lexical *chifre* ter como significados possíveis *chifre*₁ parte do corpo do animal e *chifre*₂ símbolo de infidelidade. São significados distintos entre si e que, por consequência, provocam uma mudança de foco, um final inesperado que provoca o riso. Seguindo o Teste de Identidade de Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), no qual, para os itens lexicais ambíguos serem considerados homônimos, a mesma precisificação deve ser retomada, se o sentido de *chifre* em (8a) for o de parte do animal, em (8b) também será de parte do animal, o mesmo acontecerá se o sentido selecionado primeiro for o de

símbolo de infidelidade, o significado selecionado se aplicará à sentença (8b). Como exemplificamos a seguir:

(8) Paulo levou um *chifre* e Ana também

(8a) Paulo levou um *chifre* (levou parte do animal para casa) e Ana também (levou parte do animal para casa)

(8b) Paulo levou um *chifre* (foi traído) e Ana também (foi traída)

Nessas sentenças, como dito anteriormente, o acionamento do significado de *chifre*₁, na primeira parte da sentença, repete-se na segunda parte e bloqueia o significado de *chifre*₂, caracterizando o primeiro teste de verificação do item *chifre* como homônimo. Caso diferente é das sentenças a seguir:

(9) # Paulo levou um *chifre* (levou parte do animal para casa) e Ana também (foi traída)

(10) # Paulo levou um *chifre* (foi traído) e Ana também (levou parte do animal para casa)

As sentenças (9) e (10) são anômalas, pois não são semanticamente possíveis. Segundo Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), isso se dá pelo fato de os itens não terem base compartilhada, ou seja, uma característica em comum, e por isso há uma exigência de que o falante opte entre um significado ou outro. Esse fenômeno será ainda discutido na continuação desta seção.

O segundo teste apresentado (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014) o Teste das Condições de Verdade, busca verificar se há ou não sobreposição de valores entre as sentenças e, se a verdade de A implicar na falsidade de B, teremos um caso de homonímia. Verifica-se, na sentença (8), Paulo levou um *chifre* e Ana também, que somente um dos sentidos pode ser tido como verdadeiro em ambas as situações, ou seja, dois diferentes sentidos não podem ser tidos como verdade ao mesmo tempo, logo: se é verdade que Paulo levou um *chifre* (foi traído) é falso que Ana levou um *chifre* (parte do animal para casa), se é verdade que Paulo levou um *chifre* (parte do animal para casa), é falso que Ana levou um *chifre* (foi traída). O segundo teste, portanto, também aponta para um caso de homonímia.

O último teste de (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014) utilizado nesta análise trata-se do Teste de Sentido de Base Comum, para o qual, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado, ou seja, não há uma base compartilhada de

sentido entre os significados. Nesta anedota, temos *Chifre₁* com significado de parte do corpo do animal e *chifre₂* símbolo de infidelidade. Ao analisarmos os dois sentidos do item lexical, podemos perceber que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis, como por exemplo o item *bola*, com significado de *bola₁ objeto de formato redondo, oco ou maciço*, bola de futebol e *bola₂*, em sentido pejorativo, testículos, entre os quais há uma acepção básica relacionada ao formato esférico, por exemplo. Logo, *chifre₁* é homônimo de *chifre₂*, e o fenômeno observado na anedota é o da homonímia.

Na Anedota 2, a seguir, a expressão ambígua, da qual decorre o efeito de humor, é “Nasce no Peru/ Peru”. Os sentidos acionados para o item lexical *peru* na anedota são *peru₁* Estado-nação, país e *peru₂* forma coloquial de referência à genitália masculina, pênis.

Partindo para a primeira verificação do item *peru*, o teste de identidade no qual se verifica se o sentido selecionado deve ser retomado (se sim implica a homonímia e se não, se dois sentidos puderem coexistir na sentença, temos a polissemia), apresentamos a anedota a seguir:

Anedota 2 (n. 9 do Apêndice 1)

GEOGRAFIA PORTUGUESA

Ô Manuel... Já sei que é bom em Geografia, então vamos lá:

-O que nasce na França é...

-Francês!

-Que nasce em Portugal é...

-Português!

-Que nasce na Argentina é...

-Argentino...

-E o que nasce no Peru é...

-Pentelho!

(Pág. 51)

De acordo com o Teste de Identidade (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014), que classifica por homônimos termos que não admitem precisificação diferente, ou seja, a não possibilidade de assumir outro sentido diferente do já assumido anteriormente, tem-se:

(11) Airton passou perto do peru e Fábio também.

(11a) Airton passou perto do *Peru* (país) e Fábio também (passou perto do país).

(11b) Airton passou perto do *peru* (pênis) e Fábio também (passou perto do pênis).

A seleção de um dos sentidos em (11) resulta no bloqueio do outro sentido, conduzindo a (11a) e (11b), necessariamente, se o sentido acionado primeiro for de *Peru* (país), este bloqueará o sentido de *peru* (pênis) e o mesmo sentido deverá ser retomado. Isto é decorrente do fato de os termos não terem base semântica compartilhada (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014), ou seja, não possuem nenhuma acepção em comum, são sentidos incompatíveis. Desta forma, como interpretações de (11), (12) e (13), na sequência, são semanticamente impossíveis ou anômalas.

(12) #Airton passou perto do *peru* (país) e Fábio também (passou perto do pênis)

(13) #Airton passou perto do *peru* (pênis) e Fábio também (passou perto do país)

O segundo teste de (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014) trata-se do Teste de Condições de Verdade, em que se verifica a existência ou não de sobreposição de valores, nos casos homônimos, ao assumir um dos sentidos como verdadeiro, o sentido subsequente será tido como falso. Como vemos em (11), Airton passou perto do Peru e Fábio também, nessa sentença, somente um dos sentidos pode ser tido como verdadeiro, pois, se é verdade que Airton passou perto do *Peru* (país) é falso que Fábio passou perto do *peru* (pênis). A verdade de (11a) implica a falsidade de (11b), o que não ocorre nos casos polissêmicos, nos quais a verdade de um dos sentidos não implica, necessariamente, na falsidade do outro.

O terceiro teste apresentado por (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014), tem por critério, na diferenciação de homonímias e polissemias, o Teste de Sentido de Base Comum, em que, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado, não possuem uma acepção básica ou uma característica em comum que, ao se pensar em um sentido, remeta a outro, por exemplo, o item lexical *grau*, presente na Anekdota 4 do livro *Casseta e Planeta* (cf. Apêndice 2), os seus sentidos, de *grau*₁ - unidade de medida de temperatura e *grau*₂ unidade de medida de um ângulo, têm uma acepção básica compartilhada relativa à quantidade, pois ambos especificam determinada grandeza física. Não é o que ocorre ou se observa em *Peru*₁ que significa Estado-nação, país e *peru*₂ que significa genitália masculina, pênis, nos quais percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Desse modo, *Peru*₁ é homônimo de *peru*₂, nos três testes apresentados.

Passamos a mais uma análise do livro de Ary Toledo a seguir, a Anekdota 3:

Anedota 3 (n. 14 do Apêndice 1)

NO BARBEIRO

-Barba ou cabelo?

-Barba... mas bem passada!

-Como? Bem passada?

-Sem sangue, meu amigo! Sem sangue!!

(Pág. 79)

Nessa anedota, a expressão ambígua responsável pela mudança de foco do leitor (conforme Possenti (1988)) é “Bem passada/ passada”. Os significados possíveis de *passada* acionados neste caso são *passada*₁ cozida, alimento cozido além do ponto e *passada*₂ alisada. O primeiro teste aplicado ao termo, o Teste de Identidade (PINKAL, 1995 *apud* FERRAZ, 2014), demonstrou que há a necessidade de retomada de sentido, ou seja, a necessidade de mesma precisificação nas sentenças que seguem:

(14) Tiago prefere *bem passada* e Marcos também.

(14a) Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida) e Marcos também (carne bem cozida).

(14b) Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada) e Marcos também (roupa bem alisada).

Observa-se que a seleção de um dos sentidos de *bem passada* faz com que o outro sentido seja bloqueado, ao selecionar *passada* como bem cozida, o sentido de *passada* como alisada é bloqueado e retoma-se a precisificação anterior, o que pode ser visto em (14a) e em (14b); decorrente disto, na sequência, (15) e (16) são semanticamente anômalas.

(15) #Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida) e Marcos também (roupa bem alisada).

(16) #Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada) e Marcos também (carne bem passada).

Ainda analisando o item lexical ambíguo *passada* e classificando-o com base nos testes de Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), examinamos o termo sob o Teste das Condições de Verdade, em que se verifica se há ou não sobreposição de valores, se a verdade de um dos sentidos implicar a falsidade do outro, se a verdade de A implicar na falsidade de B, estaremos diante de um caso de homonímia. Na sentença (14), Tiago prefere *bem passada* e Marcos também, verifica-se que: se for verdadeiro que Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida), será falso que Marcos prefira *bem passada* (roupa bem alisada). Se for verdadeiro

que Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada), será falso que Marcos prefere (carne bem passada). Deste modo, neste segundo teste, também identifica-se uma ambiguidade lexical por homonímia, tendo em vista que, se fosse polissemia, seria possível acionar dois sentidos como verdadeiros ao mesmo tempo.

O último teste aplicado ao termo, o Teste de Sentido de Base Comum apresentado por Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), aponta que, em casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado, não possuem acepção em comum. Para exemplificar melhor, isto pode ser visto na Anedota 3 do livro de Ary Toledo (cf. Apêndice 1), na qual a expressão ambígua é *por cabeça/cabeça*, o item ambíguo é *cabeça*, que pode significar *cabeça₁* parte superior do tronco, e *cabeça₂*, em sentido pejorativo, parte superior do pênis (glande). Observa-se que, embora em um primeiro instante os significados não pareçam se relacionar, há uma acepção básica compartilhada relativa à posição que os objetos denotados ocupam e à forma, ambos denotam algo que se encontra na ponta, na extremidade de um tronco, e possuem formato arredondado; essa característica de base comum, presente em polissemias, não se encontra nos sentidos de *passada₁* que significa cozida, alimento além do ponto e *passada₂* que significa alisada. Assim, a análise de *passada* com esses dois sentidos demonstra que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis, logo, *passada₁* é homônimo de *passada₂*.

Dando sequência às análises e à classificação dos itens lexicais ambíguos das anedotas selecionadas, iniciamos a verificação dos testes de Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), na anedota extraída do livro de Casseta e Planeta, a Anedota 4:

Anedota 4 (n. 3 do Apêndice 2)

Noite de núpcias. Depois de fazer amor pela primeira vez, a noiva fala para o noivo:

-Querido, eu nunca imaginei que você tivesse um órgão tão pequeno!

Ele responde:

-Nem eu sabia que um dia teria de tocá-lo numa catedral.

(Pág. 34)

Nesta anedota, a expressão ambígua responsável pelo humor é *órgão*. A ambiguidade lexical ocorre pela duplicidade de sentido do termo *órgão* que pode significar, *órgão₁* - estrutura do ser vivo adaptada a determinada função, nesse caso, órgão genital; e *órgão₂* instrumento musical com teclado, pedais e tubos, comum em cantos religiosos.

Aplicando-se o primeiro teste, denominado Teste de Identidade, no qual, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, isto é, o item ambíguo não pode ser retomado com sentido diferente do já selecionado antes, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo, observa-se que, nas sentenças (17), (17a) e (17b) apresentadas a seguir, o mesmo sentido de *órgão* assumido para André é o selecionado para José:

(17) André tocou o *órgão* e José também.

(17a) André tocou o *órgão* (genitália) e José também (tocou a genitália).

(17b) André tocou o *órgão* (instrumento de música) e José também (tocou o instrumento de música).

Dessa forma, conclui-se que o acionamento de um dos sentidos de *órgão*, como em (17a) ou (17b), bloqueia o outro sentido, isto é, há a retomada de precisificação e, neste primeiro teste, apresenta-se um caso de homonímia, no qual a aceitação de uma precisificação diferente, ou a alusão a um sentido diferente do assumido pelo item anteriormente, resulta em sentenças semanticamente anômalas, como vemos em (18) e (19) a seguir:

(18) #André tocou o *órgão* (genitália) e José também (tocou o instrumento de música).

(19) #André tocou o *órgão* (instrumento de música) e José também (tocou a genitália).

Tendo como base o Teste das Condições de Verdade, que implica verificar se há ou não sobreposição de valores e, se assumida a verdade de A, assume-se a falsidade de B, analisamos o item lexical *órgão* sob essa perspectiva e verificamos também um caso de homonímia. Dessa forma, na sentença (17), André tocou o *órgão* e José também, se é verdadeiro que André tocou o *órgão* (genitália) é falso que José tocou o instrumento de música. Assim como se é falso que André tocou o *órgão* (genitália) é verdadeiro que José tocou o instrumento de música. A seleção de um sentido como verdade implica, nesse caso, o outro ser falso.

O terceiro teste de Pinkal (1995 *apud* FERRAZ, 2014), o Teste de Sentido de Base Comum, mostra que, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado, não há nenhuma característica que possa ser relacionada a ambos os sentidos. Podemos apurar tal informação na Anedota 13 do livro *Casseta e Planeta* (cf. Apêndice 2), em que a expressão ambígua *ovos*, com sentido de *ovos*₁ estrutura expelida do corpo da fêmea,

que se constitui do óvulo fecundado e *ovos*₂ testículos do homem, têm uma acepção básica compartilhada de forma e tamanho, ambos possuem formato arredado e medidas parecidas, logo, classificados como polissêmicos. Já no caso de *órgão* com significado de *órgão*₁ estrutura do ser vivo adaptada a determinada função, nesse caso, órgão genital; e *órgão*₂ instrumento musical com teclado, pedais e tubos, comum em cantos religiosos, não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis, então, percebemos que *órgão*₁ é homônimo de *órgão*₂.

4.2 Discussão dos resultados

Outra análise proposta na introdução deste artigo, além dos testes de identificação que aplicamos, é a análise microestrutural das anedotas, à medida que a estrutura textual do gênero interfere também para a geração do efeito de humor. Nesse sentido, Silva e da Silva (2009, p. 8) conceitua a microestrutura como a coesão do texto, que ocorre “quando a relação de sentidos é obtida através da interpretação de determinado elemento acoplado a outro, criando-se uma ligação”, isto é possível no texto com a utilização de mecanismos articuladores, ou seja, as classes de preposições, conjunções e conectivos. Esse aparato linguístico que amarra o texto e as ideias é de extrema importância para o gênero anedota, tendo em vista que um texto narrativo segue, em sua estrutura básica, uma sequência de acontecimentos. Primeiro há uma apresentação do espaço e dos personagens, depois uma trama, um clímax e por fim os esclarecimentos. Os conectivos unem uma etapa à outra. De acordo com Santos (2010, p. 115) a anedota possui “estrutura narrativa em que primeiro acontece a contextualização do lugar ou situação, depois apresenta discurso direto”, logo, se a microestrutura (coesão) do texto for falha, a interpretação também ficará prejudicada, pois é a microestrutura que guia o leitor na sequência narrativa para a produção do sentido do texto. Outro apontamento de Silva e da Silva (2009) em relação a coesão é que o texto implica ao leitor o conhecimento léxico-gramatical da língua e é desse modo que a homonímia faz parte da estrutura microestrutural do gênero anedota de modo orgânico, pois é o conhecimento léxico e de mundo do falante que o faz acionar um sentido do termo e depois o outro, explorando as possibilidades da ambiguidade lexical.

Murphy (2003), como citado no referencial deste artigo, destaca a importância do contexto e do conhecimento de mundo que o falante tem para a interpretação dos enunciados; por exemplo, a compreensão do item lexical *chá* depende da categoria de chá a que o falante

acessa e da categoria de *chá* que o ouvinte conhece. O significado pode mudar de acordo com o conhecimento de mundo de ambos e de acordo com as expectativas do contexto. Nesse ponto é que se atrela a homonímia aos elementos microtextuais, mas sem deixar de ter relação com o contexto mais abrangente de produção do texto, já que a compreensão da homonímia em anedotas depende do conhecimento prévio do leitor, o que inclui o conhecimento linguístico. Na elaboração do humor, que é decorrente desse processo, de tentar unir significados distintos, segundo Possenti (1988, p. 113), “[...] todo o efeito de humor é decorrente de que o primeiro falante escolhe um foco e a resposta é dada como se ele tivesse escolhido um outro [...]”, porém, suas escolhas dependerão de seu conhecimento de mundo e de seu conhecimento linguístico (a exemplo do conhecimento lexical).

Partindo para as anedotas selecionadas dos livros analisados de Ary Toledo e do grupo Casseta e Planeta, verifica-se que todas possuem a estrutura apontada por Santos (2010): primeiramente uma contextualização seguida de discurso direto. Já em relação ao que apontou Possenti (1988), da mudança do foco escolhido pelo leitor, percebeu-se que a ambiguidade lexical por homonímia foi utilizada como recurso na produção do efeito de humor, como por exemplo, na Anedota 1 (n. 8 do apêndice 1), quando o item lexical homônimo *chifre* primeiro é acionado como parte do animal, mas a resposta dada leva ao sentido de *chifre* símbolo de infidelidade, fazendo o leitor relacionar sentidos distintos entre si, gerando o humor. Na Anedota 2 (n. 9 do Apêndice 1) isso também ocorre com o item *Perulperu*, que pela sequência do diálogo apresentado, primeiramente aciona o sentido de Estado-nação, mas a resposta dada aciona o sentido de pênis, uma vez que o item lexical *pentelho* corresponde aos pelos da região pubiana. A Anedota 3 (n.14 do apêndice 1) inicia situando o leitor no cenário onde os fatos ocorrem, “NO BARBEIRO”, que é a contextualização apontada por Santos (2010). Em seguida, os diálogos e o final inesperado unem os sentidos distintos, ou seja, sem base compartilhada, de *passada* como *passada*₁ cozida e *passada*₂ alisada, isso gera o efeito de humor. A Anedota 4 (n. 3 do Apêndice 2), analisada sob a perspectiva de Santos (2010), também possui discurso narrativo e contextualização seguida de diálogo direto. A contextualização trata da situação em que a narração ocorre, nesse caso, a noite de núpcias. Quanto à mudança de foco e final inesperado, o humor é decorrente dos sentidos distintos de *órgão*, interpretado na anedota como *órgão*₁ genital e *órgão*₂ instrumento musical, dessa tentativa de unir sentidos incompatíveis, ou seja, homônimos, é que decorre a humorização da anedota.

Vimos, com base em Bakhtin (1997), que gêneros textuais são tipos estáveis de enunciados determinados sócio-historicamente, e que servem para mediar a inter-relação do produtor, que tem uma base, um norte de que forma produzir suas interações pela linguagem, com o leitor (no caso dos gêneros escritos), que pode ter uma prévia do que esperar do texto. Desse modo, pensando na estrutura básica do gênero anedota, voltamos a Santos (2010), que elenca itens básicos integrantes do gênero, como, ter propósito inicial de divertir, ser um texto curto, possuir sentidos múltiplos que operam na quebra de expectativa no fechamento do texto e poder ser transmitido na linguagem oral ou escrita. Com base nessas características, pode-se afirmar que, conhecendo a estrutura do gênero, ao ler uma anedota, antes mesmo de um primeiro contato, o leitor já espera como resultado o riso. Prova disso é o estranhamento do leitor ao ler uma anedota e não entender o sentido de humor, ter a sensação de que falta algo e então ler novamente. Outra característica pertinente, apontada anteriormente, é a de possuir sentidos múltiplos, os itens lexicais ambíguos, por exemplo, funcionam como contribuição para quebra de expectativa no fechamento do texto e isso pode ser tomado como gatilho para provocar o riso. Possenti (1998) corrobora essa hipótese quando aponta que o efeito de humor decorre da mudança de foco, em que primeiro o leitor escolhe um foco e na resposta é surpreendido com outro.

Percebemos que o gênero contém elementos previsíveis e esperados, como mostrou Bakhtin (1997), e elementos inesperados como apontaram Santos (2010) e Possenti (1988), assim, concluiu-se que o humor é elemento esperado do gênero e como ele é um elemento que se passa ao final do texto, o final surpresa também é um elemento que o leitor espera encontrar antes mesmo de ler a anedota, o inesperado, aquilo de que o leitor não tem informação prévia, é o gatilho pelo qual o humor ocorrerá, pois pode ser a ambiguidade lexical, mas também a ambiguidade sintática, um neologismo, dentre outros elementos linguísticos possíveis de desencadear humor. Nas anedotas analisadas, o gatilho utilizado pelos autores foi a ambiguidade lexical por homonímia.

Como abordado na metodologia, parte da triagem dos textos analisados neste artigo foi a eliminação das anedotas cujos itens lexicais utilizados como gatilho não pertenciam à mesma classe gramatical, pois, com base no referencial teórico apresentado por Lyons (1977), a diferença de classe do item faz com ele não possa ser considerado um caso de ambiguidade lexical, já que pertencer à mesma classe é condição primária para a homonímia e, no caso da polissemia, consequência natural do fato de haver um único item lexical com múltiplos sentidos. Para discutirmos em detalhe essa questão, utilizamos como exemplo uma anedota

que, embora selecionada para análise na primeira triagem, não apresentou igualdade de classe gramatical, tendo sido eliminada do corpus analisado.

Anedota 5

ÍNDIO E PAJÉ

O índio não conseguia cagar e foi falar com o feiticeiro da tribo:

-Feiticeiro... Índio... cocô... nada!

Aí, o feiticeiro deu uma espécie de purgante bem forte pra ele, feito de raízes.

No dia seguinte, o feiticeiro pergunta:

-E aí? Índio cocô nada?

-Não... Agora, índio naaaada cocô...

(TOLEDO, 1998, p.33)

O humor nesta anedota é gerado a partir do item lexical *nada*, que pode ter os significados de *nada*₁ flexão do verbo *nadar* e *nada*₂ pronome indefinido. Para Lyons (1977), o fato de os itens lexicais pertencerem a classes gramaticais diferentes faz com que não sejam ambíguos, pois o sentido acionado na pergunta do feiticeiro “E aí? Índio cocô nada?” como combinado ao substantivo só pode ser o de pronome indefinido, já a resposta dada “Agora, índio naaaada cocô”, alterada a organização sintática da frase, só pode ser interpretada como verbo, até porque, como o sentido de pronome já foi acionado anteriormente, é o único sentido que resta ao leitor, então, embora sejam homófonos e homógrafos, não são um caso de ambiguidade lexical, pois a organização sintagmática, que coloca esses termos em posições e em funções distintas, descaracteriza as condições para a homonímia. Prova disso é fato desses dois itens poderem coexistir em uma sentença, como por exemplo a sentença (20) a seguir:

(20) Mariana não enxerga *nada* enquanto *nada*.

Não há multiplicidade de sentidos e a interpretação só consiste em: primeiro um pronome indefinido e depois um verbo.

Em síntese, além da instrução sobre a composição do gênero textual, o entendimento que o leitor/ouvinte terá da anedota também dependerá de fatores externos, como o conhecimento de mundo e a compreensão que tem do funcionamento do léxico abordado. Esse conhecimento do sentido de uma palavra é construído coletivamente, por meio do uso e das convicções da comunidade de fala, sendo assim, o sentido de uma palavra não é apenas

linguístico, mas interage com o reconhecimento que uma comunidade de fala tem do que as palavras designam. Logo, ao ler e entender um texto do gênero anedota, o leitor está mobilizando não apenas seu conhecimento linguístico, seu conhecimento do gênero e da estrutura do texto, mas sua bagagem cultural.

5 Considerações finais

A partir dos dados apresentados, do referencial dos gêneros textuais e da ambiguidade lexical por homonímia, concluímos que este fenômeno semântico é utilizado como um dos gatilhos para a elaboração do efeito de humor. Nas obras analisadas e triadas com base nos testes de identidade de Pinkal (1955 *apud* FERRAZ, 2014) e na teoria de Lyons (1977), percebemos que a polissemia possui uma representatividade maior e que a homonímia aparece em número menor. Logo, cumprindo ao objetivo de distinguir casos de homonímia e de polissemia, é possível afirmar que a ambiguidade lexical é um fenômeno recorrente sendo muito utilizado para a humorização da anedota, porém o recurso ambíguo mais utilizado foi a polissemia.

Uma contribuição importante do gênero anedota é que, por meio do contato com esse gênero, o falante pode desenvolver habilidades necessárias à leitura, uma vez que a compreensão da anedota também depende da compreensão de um fenômeno semântico (nos casos em que ele está presente), logo, pode ser uma ferramenta para o aprendizado. Comprovar tais contribuições do gênero anedota para estudo da língua portuguesa mostra a importância de trazer o estudo do gênero para a sala de aula. Tendo em vista a circulação das anedotas no cotidiano dos alunos, implica um estudo voltado à língua em uso, aproximando os alunos dos temas abordados, fazendo-os relacionar os conteúdos à sua aplicação cotidiana.

Outro ponto a destacar sobre a pertinência deste artigo é que, na atualidade, há pouca produtividade de pesquisas voltadas à análise e ao estudo da homonímia, principalmente em relação à compreensão de textos do gênero anedota, esse diagnóstico é possível a partir da análise dos resultados de buscas em repositórios de artigos científicos on-line, o que pode ser um indício para estudos futuros e complementares.

Desse modo, finalizando este trabalho, podemos afirmar que foram atingidos seus objetivos iniciais, pois examinamos a utilização da linguagem ambígua, analisamos semanticamente o gênero e sua estrutura microtextual na elaboração do efeito de humor e verificamos a presença e a recorrência de termos homônimos em anedotas. Neste ponto, confirmaram-se nossas hipóteses iniciais da utilização da homonímia como efeito de humor,

porém, não se confirmou a recorrência, visto que a polissemia apareceu em maior número. Retomando à questão de pesquisa, cerne deste artigo, verificar de que forma a homonímia contribui para a construção do efeito de humor no gênero anedota, apontamos em nosso referencial teórico que uma das diferenças entre homonímia e polissemia é o fato da homonímia não ter sentido de base compartilhada entre os seus possíveis significados, desta forma, respondendo à questão, pode-se afirmar que o leitor precisa acionar um sentido após o outro e, dessa tentativa de aproximação de sentidos incompatíveis, decorreria o efeito de humor.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2009.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASSETA & PLANETA. **As melhores piadas do planeta e da casseta também**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008
- ELIAS, Vanda Maria; Koch, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERRAZ, Mônica Mano Trindade. Homonímia ou polissemia? Contribuições da semântica lexical para a organização de dicionários. In: ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros; CAMBRUSSI, Morgana Fabiola. **Léxico e gramática: Novos estudos de interface**. Curitiba: CRV, 2014. p. 123-141.
- LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MURPHY, Lynne. **Semantic Relations and the Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OTTONI, Maria Aparecida Rezende. **Os gêneros do humor no ensino da língua portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. 399 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para a análise de textos midiáticos. In: ROTH, Désirée Motta; MEURER, José Luiz. **Gêneros textuais**. São Paulo: EDUSC, 2002. P. 275-286.

POSSENTI, Sirio. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1988.

ROCHA, Claudia Moura da. **O humor verbal e o livro didático de língua portuguesa**. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1863.pdf. Acesso em: 07 abr. 2016.

ROTH, Désirée Motta; MEURER, José Luiz. **Gêneros textuais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

SANTOS, Nágila Machado Pires dos. Piada: Caracterização e conceituação de um gênero. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**, n.6, p. 109-116, jul/dez, 2010.

SILVA, Eliana dos Santos. DA SILVA, Geraldo José. **Aspectos microestruturais em textos dissertativos universitários: o uso dos operadores argumentativos na construção textual**. Disponível em: <file:///C:/Users/Karine/Downloads/1118-1641-1-PB.pdf> acesso em: outubro de 2016.

TOLEDO, Ary. **As mais rápidas de Ary Toledo**. São Paulo: Escala, 1998.

ABSTRACT: This research aimed at analyzing semantically the genre anecdote and exploring the use of homonyms, as part of its text microstructure, in the production of humor effect. This work is grounded by the study of homonymy and text genres, since both of these fields cooperate and depend on each other for the analysis of the phenomena explored. Humor is a stable constituent of the genre anecdote, whereas homonymy is one of the resources used as a way to ensure such effect. The books “As mais rápiadas de Ary Toledo” and “As melhores piadas do planeta e da Casseta também” were analyzed and lexical ambiguities within those books were selected, and the next step taken was that the anecdotes were classified by having homonymy and polysemy as their humor basis; further, it was possible to select cases of homonymy in order to write this article. Thus, the analysis had as its target the way the feature of homonymy as meaning incompatibility is used as humor in the genre, through the attempt to approximate unusual meanings which are not related; it was possible to verify that humor, within all the structures observed, is a result of the trigger that operates on meaning after meaning through the use of homonyms.

KEYWORDS: lexical ambiguity; homonymy; genre anecdote.

APÊNDICE 1
As mais rápidas de Ary Toledo

TOLEDO, Ary. **As mais rápidas de Ary Toledo**. São Paulo: Escala, 1998.

Quantificação: 20 Anedotas/21 casos de ambigüidade lexical

Homonímia: 6 casos

Polissemia: 15 casos

Ary Toledo

Anedota 1-AT

PORTUGA CORNEADO

O português comenta com um amigo:

-Pois é, rapaz... peguei minha mulher em flagrante! Com o amante na minha cama! Os dois pelados!

-E você tomou alguma medida, Manuel?

-Como é que eu ia tomar medida, se o negócio estava todo enfiado nela?

(Pág. 05)

Expressão ambígua: tomar medida/medida

Resultado da análise: homonímia

Ambigüidade: Na anedota apresentada, a ambigüidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *medida*, logo, trata-se de uma ambigüidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *medida*₁ - ato de medir, aferir tamanho, extensão; e *medida*₂- tomar providência, atitude, solucionar algo.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Pedro tomou uma medida e João também.

(2) Pedro tomou uma medida (mediu tamanho) e João também (mediu tamanho).

(3) Pedro tomou uma medida (providência) e João também (tomou uma providência).

(4) #Pedro tomou uma medida (mediu tamanho) e João também (tomou uma providência)

(5) #Pedro tomou uma medida (providência) e João também (mediu tamanho).⁴

4

O sinal “#” está sendo empregado neste texto para marcar uma sentença cujo valor semântico é estranho ou compreende uma interpretação considerada inapropriada.

Ao selecionar um dos sentidos de *medida*, o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Pedro tomou uma medida e João também, se é verdadeiro que Pedro tomou medida (mediu tamanho) é falso que João tomou medida (tomou uma providência). Se é verdadeiro que Pedro tomou medida (tomou uma providência) é falso que João tomou medida (mediu tamanho).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Medida₁* significa ação de medir, aferir tamanho/proporção. *Medida₂* significa tomar providência, solucionar algo. Ao analisarmos o item lexical *medida* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *medida₁* é homônimo de *medida₂*.

Anedota 2- AT

TRÊS ALEIJADOS

Três caras estão conversando num bar, sobre seus defeitos físicos. O cara que não tem uma perna explica:

-Foi na guerra, em 32!

O que não tem um braço diz:

-Foi em 45!

O terceiro, que tinha a boca torta, conta.

-Foi em 69!

(Pág. 11)

Expressão ambígua: 69

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Duplicidade de sentido do numeral 69. *69₁* significa marcação temporal, o ano de 1969. *69₂* faz referência à posição sexual com inversão da disposição física dos corpos.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Eu gosto de 69 e você também

(2) Eu gosto de 69 (ano 1969) e você também (ano 1969)

(3) Eu gosto de 69 (posição sexual com inversão do corpos) e você também (posição sexual com inversão do corpos)

(4) Eu gosto de 69 (ano 1969) e você também (posição sexual com inversão do corpos)

(5) Eu gosto de 69 (posição sexual com inversão do corpos) e você também (ano 1969)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Eu gosto de 69 (ano 1969) não é preciso necessariamente negar que você gosta de 69 (posição sexual com inversão do corpos), ao inferir que eu gosto de 69 (posição sexual com inversão do corpos), não é preciso negar que você gosta de 69 (ano 1969).

Teste 3: Os usos do numeral 69, com significado de *69₁* marcação temporal, o ano de 1969; *69₂* referência à posição sexual, têm uma acepção básica compartilhada de forma. Embora não haja compartilhamento de conteúdo semântico entre os dois sentidos apresentados, existem propriedades de formato e de configuração espacial, pois na relação sexual, a posição na qual

os corpos ficam invertidos, lembra o formato do número 69 em que “6” e “9” se invertem, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 3 - AT

AO PÉ DA LETRA!!

O diretor da fábrica, reunido com seus vendedores, fala sobre o consumo de mercado. Então ele diz:

-No ano passado, o consumo de papel higiênico foi de oitenta rolos por cabeça!

Aí um dos vendedores, assustado, pergunta:

-Como, "por cabeça"?

(Pág. 13)

Expressão ambígua: Por cabeça/cabeça

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 3, a ambiguidade se dá na expressão *por cabeça*, mais precisamente, no item lexical *cabeça*, que no texto tem sentido de *cabeça*₁ parte superior do tronco, e *cabeça*₂, em sentido pejorativo, parte superior do pênis, (glande). A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo. Se a contagem foi de oitenta rolos por cabeça, em caso masculino o valor seria duplicado?

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Pedro coçou a *cabeça* e João também.

(2) Pedro coçou a *cabeça* (parte superior do tronco) e João coçou a *cabeça* (parte superior do tronco).

(3) Pedro coçou a *cabeça* (glande) e João a *cabeça* (glande).

(4) Pedro coçou a *cabeça* (parte superior do tronco) e João coçou a *cabeça* (glande).

(5) Pedro coçou a *cabeça* (glande) e João a *cabeça* (parte superior do tronco).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que (1) Pedro coçou a *cabeça* (parte superior do tronco), não é preciso necessariamente negar que João coçou a *cabeça* (glande), ao inferir que (1) Pedro coçou a *cabeça* (glande) não é preciso negar que João coçou a *cabeça* (parte superior do tronco).

Teste 3: Os usos do item lexical *cabeça*, com significado de *cabeça*₁ (parte superior do tronco) e *cabeça*₂ (glande), têm uma acepção básica compartilhada relativa à posição que os objetos denotados ocupam e à forma, ambos denotam algo que se encontra na ponta, na extremidade de um tronco, e possui formato arredondado, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 4- AT

CONTROLE DO CARRO

Um sujeito se vira pro outro e diz:

-Perdi o controle do carro.

-Bateu?

-Não... Minha mulher aprendeu a dirigir!

(Pág. 17)

Expressão ambígua: Perder o controle/ controle

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 4, a ambiguidade está no item lexical *controle*, pois pode ser interpretado como *controle*₁, direção da condução do carro, e *controle*₂, domínio sobre o uso do carro. A diferença entre os termos é sutil, uma vez que os dois implicam ter comando ou sobre o uso veículo ou sobre o próprio veículo.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo, no caso da polissemia, um sentido não bloqueia o outro.

(1) Ana perdeu o controle do carro e João também.

(2) Ana perdeu o controle (perdeu a direção) do carro e João também (perdeu a direção).

(3) Ana perdeu o controle (uso exclusivo) do carro e João também (uso exclusivo).

(4) Ana perdeu o controle (perdeu a direção) do carro e João também (uso exclusivo).

(5) Ana perdeu o controle (uso exclusivo) do carro e João também (perdeu a direção).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana perdeu o *controle* (uso exclusivo), não é preciso necessariamente negar que João perdeu o *controle* (direção), ao inferir que Ana perdeu o *controle* (direção), não é preciso negar que João perdeu o *controle* (uso exclusivo).

Teste 3: Os usos do item lexical *controle*, com significado de *controle*₁ (direção da condução do carro), e *controle*₂ (domínio sobre o uso do carro), têm uma acepção básica compartilhada que é a ideia de comando, de ter o comando do veículo (direção) ou sobre o veículo (uso exclusivo), o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 5 - AT

NAMORADO

A garota diz pro namorado:

-Quer saber de uma coisa, Ernesto?

Estou cheia de você!

-E quando é que vai nascer?

(Pág. 26)

Expressão ambígua: Cheia/cheia de você

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Nesse caso a ambiguidade se dá no item lexical *cheia* que pode ser *cheia*₁ farta, cansada ou *cheia*₂ grávida.

Teste 1: Teste de identidade

(1) Ana estava *cheia* e Isabel também.

(2) Ana estava cheia (farta) e Isabel estava cheia (farta)

(3) Ana estava cheia (grávida) e Isabel estava cheia (grávida)

(4) Ana estava cheia (farta) e Isabel estava cheia (grávida)

(5) Ana estava cheia (grávida) e Isabel estava cheia (farta)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Condições de verdade

Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana está *cheia* (farta) não é preciso necessariamente negar que Isabel está *cheia* (grávida), ao inferir que Ana está *cheia* (grávida), não é preciso negar que Isabel está *cheia* (farta).

Teste 3: Os usos do item lexical *cheia*, com significado de *cheia*₁ (farta, cansada) e *cheia*₂ (grávida), têm uma acepção básica compartilhada de limite e de preenchimento, não haver mais espaço, no significado 1 é o limite psicológico da paciência e no significado 2 é o limite do espaço intrauterino, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 6 - AT

FILOSOFIA INFANTIL

-Mamãe... Bunda amarrota?

-Não... por quê, filhinho?

-Porque quando a senhora viajou, o papai falou que ia passar ferro na bunda da empregada!
(Pág. 38)

Expressão ambígua: Passar ferro/ferro

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Há a duplicidade de sentido de *ferro*₁ utensílio doméstico utilizado para passar roupas, e *ferro*₂, de acordo com a gíria popular, pênis.

Teste 1:

(1) Mauro pegou no *ferro* e Gabriel também.

(2) Mauro pegou no *ferro* (eletrodoméstico) e Gabriel no *ferro* (eletrodoméstico)

(3) Mauro pegou no *ferro* (pênis) e Gabriel no *ferro* (pênis)

(4) Mauro pegou no *ferro* (eletrodoméstico) e Gabriel no *ferro* (pênis)

(5) Mauro pegou no *ferro* (pênis) e Gabriel no *ferro* (eletrodoméstico)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que (1) Mauro pegou no *ferro* (eletrodoméstico), não é preciso necessariamente negar que Gabriel pegou no *ferro* (pênis), ao inferir que Mauro pegou no *ferro* (pênis), não é preciso negar que Gabriel pegou no *ferro* (eletrodoméstico).

Teste 3: Os usos do item lexical *ferro*, com significado de *ferro*₁ (utensílio doméstico utilizado para passar roupas), e *ferro*₂ (pênis), têm uma acepção básica compartilhada relativa à consistência, o fato de serem duros; rijos, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 7 - AT

PORTUGUÊS NA FAZENDA

Português descansando na rede, lá na chácara dele. A mulher chega e diz:

-Manuel... Já que estás a fazer nada, tu bem que podias dar uma pintada na cerca!

E o português estúpido:

-Experimente você a dar uma bucetada, para ver como dói!
(Pág. 40)

Expressão ambígua: Pintada/dar uma pintada

Resultado da análise: homonímia

Ambiguidade: *Pintada*₁ a ação de pintar, colorir e *pintada*₂ bater com o órgão genital em algo.

Teste 1: Teste de identidade:

- (1) Carlos levou uma pintada e João também.
- (2) Carlos levou uma pintada (foi colorido) e João também (foi colorido)
- (3) Carlos levou uma pintada (foi atingido por um pênis) e João também (foi atingido por um pênis)
- (4) #Carlos levou uma pintada (foi colorido) e João também (foi atingido por um pênis)
- (5) #Carlos levou uma pintada (foi atingido por um pênis) e João também (foi colorido)

Ao selecionar um dos sentidos de *pintada* o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Carlos levou uma pintada e João também, se é verdadeiro que Carlos levou uma pintada (foi colorido) é falso que João levou uma pintada (foi atingido por um pênis).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Pintada*₁ significa a ação de pintar, colorir e *pintada*₂ significa bater com o órgão genital em algo. Ao analisarmos o item lexical *pintada* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *pintada*₁ é homônimo de *pintada*₂.

Anedota 8 - AT

CHIFRE

O menino chega em casa e comenta:

-Mãe... tô sentindo um cheiro de chifre queimado... Será que o pai caiu na fogueira?
(Pág. 48)

Expressão ambígua: Chifre

Resultado da análise: homonímia

Ambiguidade: A ambiguidade nessa anedota é causada pelo item lexical *chifre*, tendo como significados possíveis *chifre*₁ parte do corpo do animal e *chifre*₂ símbolo de infidelidade.

Teste 1: Teste de identidade

- (1) Paulo levou um *chifre* e Ana também
- (2) Paulo levou um *chifre* (levou parte do animal para casa) e Ana também (levou parte do animal para casa)
- (3) Paulo levou um *chifre* (foi traído) e Ana também (foi traída)
- (4) # Paulo levou um *chifre* (levou parte do animal para casa) e Ana também (foi traída)
- (5) # Paulo levou um *chifre* (foi traído) e Ana também (levou parte do animal para casa)

Ao selecionar um dos sentidos de *chifre* o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Paulo levou um *chifre* e Ana também, somente um dos sentidos pode ser tido como

verdadeiro, se é verdade que Paulo levou um *chifre* (foi traído) é falso que Ana levou um *chifre* (parte do animal para casa).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Chifre₁* significa parte do corpo do animal e *chifre₂* símbolo de infidelidade. Ao analisarmos o item lexical *chifre* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *chifre₁* é homônimo de *chifre₂*.

Anedota 9 - AT

GEOGRAFIA PORTUGUESA

Ô Manuel... Já sei que é bom em Geografia, então vamos lá:

-O que nasce na França é...

-Francês!

-Que nasce em Portugal é...

-Português!

-Que nasce na Argentina é...

-Argentino...

-E o que nasce no Peru é...

-Pentelho!

(Pág. 51)

Expressão ambígua: Nasce no Peru/ Peru

Resultado da análise: homonímia

Ambiguidade: Nesse caso os sentidos acionados para o item lexical *peru* na anedota são *peru₁* Estado-nação, país e *peru₂* pênis.

Teste 1: Teste de identidade

(1) Airton passou pelo Peru e Fábio também.

(2) Airton passou pelo *peru* (país) e Fábio também (passou pelo país)

(3) Airton passou pelo *peru* (pênis) e Fábio também (passou pelo pênis)

(4) #Airton passou pelo *peru* (país) e Fábio (passou pelo pênis)

(5) #Airton passou pelo *peru* (pênis) e Fábio (passou pelo país)

Ao selecionar um dos sentidos de *peru* o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Airton passou pelo Peru e Fábio também, somente um dos sentidos pode ser tido como verdadeiro, se é verdade que Airton passou pelo *peru* (país) é falso que Fábio (passou pelo pênis).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Peru₁* significa Estado-nação, país e *peru₂* pênis. Ao analisarmos o item lexical *peru* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *peru₁* é homônimo de *peru₂*.

Anedota 10 - AT

Página, 56

RESTAURANTE

O garçom cumprimenta respeitosamente um senhor, já com certa idade. E atrás dele, a esposa.

O garçom pergunta:

-Essa senhora está com o senhor?

E ele, desanimado:

-Sim, meu amigo... há quarenta anos!

Expressão ambígua: Estar/ estar com

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Temos nesta anedota a ambiguidade do verbo *estar* que tem sentido de *estar*₁ acompanhar momentaneamente e *estar*₂ acompanhar permanentemente, ter um relacionamento.

Teste 1: Teste de identidade

(1) Pedro está com uma namorada nova e Gabriel também

(2) Pedro *está* com uma namorada nova (*está* aqui na festa) e Gabriel também (*está* aqui na festa)

(3) Pedro *está* com uma namorada nova (em um relacionamento permanente) e Gabriel também (em um relacionamento permanente)

(4) Pedro *está* com uma namorada nova (*está* aqui na festa) e Gabriel também (*está* em um relacionamento permanente)

(5) Pedro *está* com uma namorada nova (em um relacionamento permanente) e Gabriel também (*está* aqui na festa)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro *está* com uma namorada nova (*está* aqui na festa) não é preciso necessariamente negar que Gabriel *está* (em um relacionamento permanente), ao inferir que Pedro *está* com uma namorada nova (em um relacionamento permanente), não é preciso negar que Gabriel *está* (*está* aqui na festa).

Teste 3: Os usos do verbo *estar*, com significado de *estar*₁ acompanhar momentaneamente e *estar*₂ acompanhar permanentemente, ter um relacionamento, têm uma acepção básica compartilhada relativa à estar junto de, acompanhar, o que permite classificá-lo como polissêmico.

Anedota 11 - AT

Página, 64

JÓQUEI

O dono de vários cavalos de corrida chega em casa e flagra a sua mulher de quatro, dando pro seu melhor jóquei. Pensa um pouco e grita:

-Chiquinho! É a última vez que você monta pra mim, tá?

Expressão ambígua: Monta/ montar

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Item lexical ambíguo *montar*; pode significar *montar*₁ cavalgar no dorso de um animal; *montar*₂ sobreposição sexual masculina.

Teste 1: Identidade

(1) Pedro *monta* aos sábados, Arthur também.

(2) Pedro *monta* (cavalga) aos sábados, Arthur também (cavalga)

(3) Pedro *monta* (pratica relação sexual sobreposta) aos sábados, Arthur também (pratica relação sexual sobreposta)

(4) Pedro *monta* (cavalga) aos sábados, Arthur também (pratica relação sexual sobreposta)

(5) Pedro *monta* (pratica relação sexual sobreposta) aos sábados, Arthur também (cavalga)
Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro *monta* aos sábados (cavalga) não é preciso necessariamente negar que Arthur (pratica relação sexual sobreposta), ao inferir que Pedro *monta* (pratica relação sexual sobreposta) aos sábados, não é preciso negar que Arthur (cavalga).

Teste 3: Os usos do item lexical *montar*, com significado de *montar*₁ (cavalgar no dorso de um animal); *montar*₂ (sobreposição sexual masculina), têm uma acepção básica compartilhada relativa à dominância e a posição de estar acima, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 12- AT

PUTA DURA

Lá na rua Major Sertório tem uma mulher toda fora de esquadro: uma perna mais curta que a outra. Vem passando dois caras e um deles comenta:

-Tô com uma fome, Zé... Tô com vontade de comer uma torta!

-Olha eu aqui, olha eu aqui! - grita a mulher.

(Pág.73)

Expressão ambígua: Comer/torta

Resultado da análise: polissemia/homonímia

Ambiguidade: Na anedota 12 a ambiguidade é gerada por dois itens lexicais, *Comer*₁ refeição, alimentar-se, *comer*₂ pejorativo de relação sexual; *Torta*₁ bolo recheado e *torta*₂ adjetivo que remete a contorção, como por exemplo, parede torta. Tendo em vista o percurso metodológico deste trabalho, que selecionará para análise somente palavras que pertençam a mesma classe gramatical com base em Lyons (1977), cabe ressaltar que nesta anedota o sentido de *torta*₂ está substantivado pois refere-se a uma mulher torta, sendo assim, ocupam o mesmo lugar na sentença, havendo portanto, substituição de sentidos.

Teste 1: Identidade

(1) Pedro gosta de *comer* sem pudor e José também.

(2) Pedro gosta de *comer* (ingerir alimentos) sem pudor e José também (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

(3) Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor e José também (gosta de ter relações sexuais sem pudor).

(4) Pedro gosta de *comer* (ingerir alimentos) sem pudor e José também (gosta de ter relações sexuais sem pudor).

(5) Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor e José também (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro gosta de *comer* sem pudor (ingerir alimentos) não é preciso necessariamente negar que José (gosta de ter relações sexuais sem pudor), ao inferir que Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor, não é preciso negar que José (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

Teste 3: Os usos do item lexical *comer*, com significado de *comer*₁ (refeição, alimentar-se), *comer*₂ (pejorativo de relação sexual), têm uma acepção básica compartilhada relativa a ação de satisfazer-se de algo ou alguém, com um sentido comum de apoderar-se, o que permite classificar o item como polissêmico.

Expressão ambígua: torta

Resultado da análise: homonímia

No caso do item *Torta*₁ Bolo, torta de morango e *torta*₂ adjetivo que remete a contorção, nesse caso substantivado, o sentido selecionado depende do sentido de comer. Se o sentido de selecionado para *comer* for o de refeição, *torta* terá o sentido de bolo; se o sentido de comer for o de relação sexual, *torta* será adjetivo substantivado mulher torta.

Teste 1:

- (1) Pedro gosta de *tortas* e José também.
- (2) Pedro gosta de *tortas* (bolos) e José gosta de *tortas* (bolos)
- (3) Pedro gosta de *tortas* (mulheres tortas) e José também gosta de *tortas* (mulheres tortas)
- (4) # Pedro gosta de *tortas* (bolos) e José gosta de *tortas* (mulheres tortas)
- (5) # Pedro gosta de *tortas* (mulheres tortas) e José gosta de *tortas* (bolos)

Ao selecionar um dos sentidos de *torta* o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Pedro gosta de *tortas* e José também, se é verdadeiro que Pedro gosta de *tortas* (bolos) é falso que José gosta de *tortas* (mulheres tortas). Se é verdadeiro que Pedro gosta de *tortas* (mulheres tortas) é falso que José gosta de *tortas* (bolos).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Torta*₁ significa bolo, torta de morango e *torta*₂ adjetivo que remete a contorção. Ao analisarmos o item lexical *torta* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *torta*₁ é homônimo de *torta*₂.

Anedota 13 - AT

RECEBER!

O cara chega na mansão e pergunta:

-O doutor está?

-Sim... mas ele está descansando e não quer receber!

-Pois diga a ele que não tem que receber. Tem é que pagar!

(Pág. 76)

Expressão ambígua: Receber

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: A ambiguidade é gerada pelo verbo *receber* que pode significar *receber*₁ cobrar, relacionado a valor monetário ou *receber*₂ no sentido de acolher, receber visitas.

Teste1: Identidade

- (1) O doutor não quer *receber*, a secretária também não.

(2) O doutor não quer *receber* (pagamento) a secretária também não quer receber (pagamento)

(3) O doutor não quer *receber* (visitas) a secretária também não quer receber (visitas)

(4) O doutor não quer *receber* (pagamento) a secretária também não quer receber (visitas)

(5) O doutor não quer *receber* (visitas) a secretária também não quer receber (pagamento)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que o doutor não quer *receber* (pagamento) não é preciso necessariamente negar que a secretária não quer receber (visitas), ao inferir que o doutor não quer *receber* (visitas), não é preciso negar que a secretária também não quer receber (pagamento).

Teste 3: Os usos do item lexical *receber*, com significado de *receber*₁ (cobrar, relacionado a valor monetário) ou *receber*₂ (no sentido de acolher, receber visitas), têm uma acepção básica compartilhada de aceitar, acontece que em um dos casos se aceita algo e em outro alguém, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 14 - AT

NO BARBEIRO

-Barba ou cabelo?

-Barba... mas bem passada!

-Como? Bem passada?

-Sem sangue, meu amigo! Sem sangue!!

(Pág. 79)

Expressão ambígua: Bem passada/ passada

Resultado da análise: homonímia

Ambiguidade: Nesta anedota a ambiguidade é gerada pelos significados de *passada*, que pode ser *passada*₁ cozida, alimento e *passada*₂ alisada.

Teste1:

(1) Tiago prefere *bem passada* e Marcos também

(2) Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida) e Marcos também (carne bem cozida)

(3) Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada) e Marcos também (roupa bem alisada)

(4) #Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida) e Marcos também (roupa bem alisada)

(5) #Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada) e Marcos também (carne bem passada)

Ao selecionar um dos sentidos de *bem passada* o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2 : Teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Tiago prefere *bem passada* e Marcos também, se é verdadeiro que Tiago prefere *bem passada* (carne bem cozida), é falso que Marcos prefira *bem passada* (roupa bem alisada). Se é verdadeiro que Tiago prefere *bem passada* (roupa bem alisada), é falso que Marcos prefere (carne bem passada).

Teste 3: Sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhada. *Passada*₁ significa cozida, alimento e *passada*₂ significa alisada. Ao analisarmos o item lexical *passada* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *passada*₁ é homônimo de *passada*₂.

Anedota 15 - AT**CAUSA MORTIS**

-Cê viu? O Agenor se matou...

-Pois é... coitado. Que será que passou pela cabeça dele?

-Uma bala, com certeza!

(Pág. 80)

Expressão ambígua: Passou/ passou pela cabeça

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: *Passar*₁ atravessar e *passar*₂ pensar, refletir, ocorrer um pensamento

Teste 1:

(1) Algo *passou* pela minha cabeça, pela de Maria também.

(2) Algo *passou* pela minha cabeça (atravessou) pela de Maria também (atravessou)

(3) Algo *passou* pela minha cabeça (pensamento) pela de Maria também (pensamento)

(4) Algo *passou* pela minha cabeça (atravessou) pela de Maria também (pensamento)

(5) Algo *passou* pela minha cabeça (pensamento) pela de Maria também (atravessou)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Algo *passou* pela minha cabeça (atravessou) não é preciso necessariamente negar que pela de Maria *passou* (pensamento), ao inferir que algo *passou* pela minha cabeça (pensamento), não é preciso negar que pela de Maria *passou* algo (atravessou).

Teste 3: Os usos do item lexical *passar*, com significado de *passar*₁ (atravessar) e *passar*₂ (pensar, refletir, ocorrer um pensamento), têm uma acepção básica compartilhada que é a ideia de movimento/trânsito, um acontecimento transitório, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 16 - AT**FOTOGRAFIA**

Um amigo pergunta ao outro:

-Você conhece a piada da fotografia?

-Não... qual é?

-Ainda não foi revelada!

(Pág. 89)

Expressão ambígua: Revelada

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *revelar*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *Revelar*₁ contar, tornar conhecido; e *revelar*₂ imprimir, fotografia.

Teste 1:

(1) Ana não quis *revelar* e Márcia também não

(2) Ana não quis *revelar* (contar seu segredo) e Márcia também não quis revelar (contar seu segredo)

(3) Ana não quis *revelar* (sua fotografia) e Márcia também não quis *revelar* (sua fotografia)

(4) Ana não quis *revelar* (contar seu segredo) e Márcia também não quis revelar (sua fotografia)

(5) Ana não quis *revelar* (sua fotografia) e Márcia também não quis *revelar* (contar seu segredo)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana não quis *revelar* (contar seu segredo) não é preciso necessariamente negar que Márcia não quis *revelar* (sua fotografia), ao inferir que Ana não quis *revelar* (sua fotografia), não é preciso negar que Márcia não quis *revelar* (contar seu segredo).

Teste 3: Os usos do item lexical *revelar*, com significado de *revelar*₁ contar; e *revelar*₂ imprimir, fotografia, têm uma acepção básica compartilhada de tornar conhecido. No caso de revelar (a fotografia), torna-se conhecida uma imagem e no sentido de revelar (segredo) torna-se conhecida uma informação, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 17 - AT

NO ÔNIBUS

A velhinha entra no ônibus, vê um cara bêbado, lendo um jornal de ponta cabeça e comenta:

-Meu senhor... está de cabeça pra baixo!

E o bêbado:

-... e mole!

(Pág. 93)

Expressão ambígua: Cabeça

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 17, a ambiguidade se dá na palavra *cabeça*, que no texto tem sentido de *cabeça*₁ topo de página, e *cabeça*₂, em sentido pejorativo, parte superior do pênis, (glande). A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo. O que está de cabeça para baixo, o jornal ou o pênis?

Teste 1:

(1) João está com algo de cabeça para baixo e Pedro também.

(2) João está com algo de cabeça para baixo (o jornal) e Pedro também está com algo de cabeça para baixo (o jornal).

(3) João está com algo de cabeça para baixo (o pênis) e Pedro também está com algo de cabeça para baixo (o pênis).

(4) João está com algo de cabeça para baixo (o jornal) e Pedro também está com algo de cabeça para baixo (o pênis).

(5) João está com algo de cabeça para baixo (o pênis) e Pedro também está com algo de cabeça para baixo (o jornal).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que João está com algo de cabeça para baixo (o jornal) não é preciso necessariamente negar que Pedro está com algo de cabeça para baixo (o pênis), ao inferir que João está com algo de cabeça para baixo (o pênis), não é preciso negar que Pedro está com algo de cabeça para baixo (o jornal).

Teste 3: Os usos do item lexical *cabeça*, com significado de *cabeça*₁ (topo de página) e *cabeça*₂ (glande) têm uma acepção básica compartilhada relativa à posição que ocupam, ambos se encontram na acima, na extremidade, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 18 - AT

CASAMENTO

O cara que era casado há mais de trinta anos comenta com o amigo:

-Eu, quando como minha mulher, tomo Plasil junto com Viagra...

-Por quê?

-Porque Plasil é contra enjoo!

(Pág. 94)

Expressão ambígua: Enjoo

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: *enjoo*₁ físico, náusea e *enjoo*₂ sensação de tédio, asco.

Teste 1:

(1) Alissom estava sofrendo com enjoo e Paulo também.

(2) Alissom estava sofrendo com enjoo (físico) e Paulo estava sofrendo com enjoo (físico).

(3) Alissom estava sofrendo com enjoo (psicológico) e Paulo estava sofrendo com enjoo (psicológico).

(4) Alissom estava sofrendo com enjoo (físico) e Paulo estava sofrendo com enjoo (psicológico).

(5) Alissom estava sofrendo com enjoo (psicológico) e Paulo estava sofrendo com enjoo (físico).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Alissom estava sofrendo com enjoo (físico) não é preciso necessariamente negar que Paulo estava sofrendo com enjoo (psicológico), ao inferir que Alissom estava sofrendo com enjoo (psicológico), não é preciso negar que Paulo estava sofrendo com enjoo (físico).

Teste 3: Os usos do item lexical *enjoo*, com significado de *enjoo*₁ (físico, náusea) e *enjoo*₂ (psicológico, sensação de tédio, asco) têm uma acepção básica compartilhada de mal-estar, em um dos sentidos mal-estar físico e no outro psicológico, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 19 - AT

O PORTUGUÊS E O BEBÊ

Voltando para casa com o bebê recém-nascido, a mulher do português dizia:

-Meu filhinho, meu filhinho...

-Ô Maria... esse bebê não é teu filho!

-Como não, Manuel, se fui eu que pari, ele saiu de dentro de mim!

-Aí que tu te enganas! Esqueceu que ontem, lá na maternidade, tu me pediste pra trocar o bebê?

(Pág. 94)

Expressão ambígua: Trocar/ trocar o bebê

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: *Trocar*₁ substituir as fraldas da criança, *trocar*₂ substituir a própria criança.

Teste 1: Identidade

(1) Maiara *trocou* o bebê e Fátima também.

(2) Maiara *trocou* o bebê (substituiu as fraldas) e Fátima *trocou* o bebê (substituiu as fraldas).

(3) Maiara *trocou* o bebê (substituiu o bebê) e Fátima *trocou* o bebê (substituiu o bebê).

(4) Maiara *trocou* o bebê (substituiu as fraldas) e Fátima também (substituiu o bebê).

(5) Maiara *trocou* o bebê (substituiu o bebê) e Fátima também (substituiu as fraldas).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Maiara *trocou* o bebê (substituiu as fraldas) não é preciso necessariamente negar que Fátima *trocou* o bebê (substituiu o bebê), ao inferir que Maiara *trocou* o bebê (substituiu o bebê), não é preciso negar que Fátima (substituiu as fraldas).

Teste 3: Os usos do item lexical *trocar o*, com significado de *trocar*₁ (substituir as fraldas da criança), *trocar*₂ (substituir a própria criança), têm uma acepção básica compartilhada de tomar uma coisa por outra, o que permite classificar o item como polissêmico.

Aneota 20 - AT

NA ESCOLA

A professora pergunta:

-Jaiminho... o que é um canibal?

-Não sei, professora...

-Se você comer, por exemplo, o seu pai e sua mãe... o que você é?

-Um tarado sexual!

(Pág. 96)

Expressão ambígua: Comer

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: *Comer*₁ refeição, alimentar-se, *comer*₂ pejorativo de relação sexual

Teste 1: Identidade

(1) Pedro gosta de *comer* sem pudor e José também.

(2) Pedro gosta de *comer* (ingerir alimentos) sem pudor e José também (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

(3) Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor e José também (gosta de ter relações sexuais sem pudor).

(4) Pedro gosta de *comer* (ingerir alimentos) sem pudor e José também (gosta de ter relações sexuais sem pudor).

(5) Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor e José também (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro gosta de *comer* sem pudor (ingerir alimentos) não é preciso necessariamente negar que José (gosta de ter relações sexuais sem pudor), ao inferir que Pedro gosta de *comer* (ter relações sexuais) sem pudor, não é preciso negar que José (gosta de ingerir alimentos sem pudor).

Teste 3: Os usos do item lexical *comer*, com significado de *comer*₁ (refeição, alimentar-se), *comer*₂ (pejorativo de relação sexual), têm uma acepção básica compartilhada relativa a ação de satisfazer-se de algo ou alguém, com um sentido comum de apoderar-se, o que permite classificar o item como polissêmico.

APÊNDICE 2

As melhores piadas do planeta e da casseta também

CASSETA & PLANETA. **As melhores piadas do planeta e da casseta também.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

Quantificação: 18 Anedotas/23 casos de ambiguidade lexical

Homonímia: 2 casos

Polissemia: 21 casos

CasSeTa & PlaNeTa

Anedota 1 – CP

A mulher morreu e foi pro purgatório. Chegando lá encontrou São Pedro a esperando. Atrás dele havia duas portas, uma vermelha e outra azul. Disse São Pedro:

-Olá, minha senhora, eu sou São Pedro, seja bem-vinda!

-E que portas são estas?

-A azul é pro céu e a vermelha é pro inferno!

Nisso, atrás da porta azul a mulher ouve uma barulheira, uma gritaria danada, barulho de furadeira, gente gritando...

-São Pedro, que barulho é esse? - Pergunta a mulher.

-Ah, isso é um cara novo que chegou, e eles estão furando as costas dele pra poder parafusar as asas.

-Ah...

-... mas como eu ia dizendo – continua São Pedro - , a porta azul é a do céu e você pode escolher pra onde vai...

Nisso, começa a maior barulheira de novo atrás da porta azul.

-E o que é isso agora, São Pedro?

-É o mesmo cara! Só que agora eles estão fazendo o buraco na cabeça dele pra colocar a auréola!

-Nossa, que violento! Eu não quero ir pro céu não! Eu quero ir pro inferno!

-Olha, minha senhora! O inferno não é legal, não! Veja bem, lá no inferno o diabo vai foder contigo!

-Tudo bem! Pelo menos os buracos já estão feitos!
(Pág. 23)

Expressão ambígua: Foder/buracos

Resultado da análise: Polissemia/polissemia

Ambiguidade: Na anedota 1, a ambiguidade se dá nos itens *foder* e *buracos*. No texto *foder*₁ tem sentido de fazer mal, prejudicar ou sair-se mal e *foder*₂ faz referência ao sexual, copular. A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo, uma vez que o sentido de *foder* com sentido de relação sexual é carregado também por uma ideia de prejudicar.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Pedro gosta de *foder* os outros, Paulo também.

(2) Pedro gosta de *foder* os outros (prejudicar), Paulo também (gosta de prejudicar).

(3) Pedro gosta de *foder* os outros (ter relação sexual), Paulo também (gosta de ter relação sexual).

(4) Pedro gosta de *foder* os outros (prejudicar), Paulo também (gosta de ter relação sexual).

(5) Pedro gosta de *foder* os outros (ter relação sexual), Paulo também (gosta de prejudicar).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro gosta de *foder* os outros (prejudicar) não é preciso necessariamente negar que Paulo também (gosta de ter relação sexual), ao inferir que Pedro gosta de *foder* os outros (ter relação sexual), não é preciso negar que Paulo também (gosta de prejudicar).

Teste 3: Os usos do item lexical *foder*, com significado de *foder*₁ fazer mal, prejudicar ou sair-se mal e *foder*₂ faz referência ao sexual, copular, têm uma acepção básica compartilhada relativa causar mal à alguém, o sentido de prejudicar de *foder*₂ também é encontrado no sentido de relação sexual, prova disto é a expressão popular “o garoto fez mal à menina” fazendo referência à cópula. Outro sentido base é o fato de que quando se prejudica alguém no caso de *foder*₁ isto implica tirar proveito de alguém e no ato sexual também há a ideia de tirar proveito, de satisfazer-se, o que permite classificar o item como polissêmico.

Ambiguidade: No caso do item lexical *buracos*, os sentidos acionados para a produção de humor são: *buracos*₁ abertura que transpassa uma superfície ou um corpo sólido; e *buracos*₂ vulgar de ânus ou órgão genital feminino.

Teste 1:

(1) Ana possui *buracos* e Bárbara também.

(2) Ana possui *buracos* (abertura, ex: brincos) e Bárbara também (possui abertura, ex: brincos).

(3) Ana possui *buracos* (órgão genital) e Bárbara também (possui órgão genital).

(4) Ana possui *buracos* (abertura, ex: brincos) e Bárbara também (possui órgão genital).

(5) Ana possui *buracos* (órgão genital) e Bárbara também (abertura, ex: brincos).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana possui *buracos* (abertura, ex: brincos) não é preciso necessariamente negar que Bárbara também (possui órgão genital), ao inferir que Ana

possui *buracos* (órgão genital), não é preciso negar que Bárbara também (abertura, ex: brincos).

Teste 3: Os usos do item lexical *buracos*, com significado de *buracos*₁ abertura que transpassa uma superfície ou um corpo sólido; e *buracos*₂ vulgar de ânus ou órgão genital feminino, têm uma acepção básica compartilhada relativa forma, ambos denotam espaços vazios ou ocos, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 2 - CP

Qual a diferença entre um boneco de neve e uma boneca de neve?

As bolas de neve.

(Pág. 27)

Expressão ambígua: bolas

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 3, a ambiguidade se dá na expressão *bolas de neve*, mais precisamente, no item lexical *bolas*, que no texto tem sentido de *bola*₁ *objeto de formato redondo, oco ou maciço*, bola de futebol e *bola*₂, em sentido pejorativo, testículos. A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo, uma vez que as bolas de neve podem ser o corpo do boneco de neve, ou no outro sentido, aludindo às bolas (testículos) por ser uma representação masculina.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Augusto perdeu *as bolas* e Arthur também

(2) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol), Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol)

(3) Augusto perdeu *as bolas* (testículos), Arthur também perdeu *as bolas* (testículos)

(4) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol), Arthur também perdeu *as bolas* (testículos)

(5) Augusto perdeu *as bolas* (testículos), Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que (1) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol) não é preciso necessariamente negar que Arthur perdeu *as bolas* (testículos) ao inferir que Augusto perdeu *as bolas* (testículos), não é preciso negar que Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol).

Teste 3: Os usos do item lexical *bolas*, com significado de *bola*₁ *objeto de formato redondo, oco ou maciço*, bola de futebol e *bola*₂, em sentido pejorativo, testículos, têm uma acepção básica compartilhada relativa à forma que possuem, ambos são esféricos e arredondados, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 3 - CP

Noite de núpcias. Depois de fazer amor pela primeira vez, a noiva fala para o noivo:

-Querido, eu nunca imaginei que você tivesse um órgão tão pequeno!

Ele responde:

-Nem eu sabia que um dia teria de tocá-lo numa catedral.

(Pág. 34)

Expressão ambígua: Órgão

Resultado da análise: homonímia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *órgão*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *órgão*₁ - estrutura do ser vivo adaptada a determinada função, nesse caso, órgão genital; e *órgão*₂ instrumento musical com teclado, pedais e tubos, comum em cantos religiosos.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

- (1) André tocou o *órgão* e José também
- (2) André tocou o *órgão* (genital) e José também (tocou o genital)
- (3) André tocou o *órgão* (musical) e José também (tocou o musical)
- (4) #André tocou o *órgão* (genital) e José também (tocou o musical)
- (5) #André tocou o *órgão* (musical) e José também (tocou o genital)

Ao selecionar um dos sentidos de *órgão*, o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) André tocou o *órgão* e José também, se é verdadeiro que André tocou o *órgão* (genital) é falso que José (tocou o musical). Se é verdadeiro que André tocou o *órgão* (musical) é falso que José (tocou o genital).

Teste 3: sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Órgão*₁ significa estrutura do ser vivo adaptada a determinada função, nesse caso, órgão genital; e *órgão*₂ significa instrumento musical com teclado, pedais e tubos, comum em cantos religiosos. Ao analisarmos o item lexical *órgão* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *órgão*₁ é homônimo de *órgão*₂.

Anedota 4 - CP

Lançaram o cinema 180 graus em Portugal.

A primeira sessão ficou lotada, mas ao final ninguém saiu da sala.

O Manuel, o dono do cinema, foi ver e estavam todos mortos...

-O pá, será que vou ter que diminuir a temperatura?

(Pág. 44)

Expressão ambígua: Graus

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *graus*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *grau*₁ - unidade de medida de temperatura em qualquer das escalas; e *grau*₂ unidade de medida de um ângulo.

Teste 1:

- (1) Ana foi ao cinema 180 *graus* e Carolina Também
- (2) Ana foi ao cinema 180 *graus* (de temperatura) e Carolina Também (temperatura)
- (3) Ana foi ao cinema 180 *graus* (de ângulo) e Carolina Também (ângulo)
- (4) Ana foi ao cinema 180 *graus* (de temperatura) e Carolina Também (180 graus de ângulo)
- (5) Ana foi ao cinema 180 *graus* (de ângulo) e Carolina Também (180 graus de temperatura)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana foi ao cinema 180 *graus* (de temperatura) não é preciso Carolina Também foi ao cinema (180 *graus* de ângulo), ao inferir que Ana foi ao cinema 180 *graus* (de ângulo), não é preciso negar que Carolina Também foi ao cinema (180 *graus* de ângulo).

Teste 3: Os usos do item lexical *grau*, com significado de *grau*₁ - unidade de medida de temperatura em qualquer das escalas; e *grau*₂ unidade de medida de um ângulo, têm uma acepção básica compartilhada relativa à quantidade, pois especificam determinada grandeza física e são usadas como padrão para outras medidas, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 5 - CP

O português vinha com seu carro pela via Dutra quando viu uma loura de minissaia pedindo carona. Ele parou o carro.

-Para onde você está indo? - perguntou a loura espetacular.

-Para São José dos Campos!

Ela entrou no carro e os dois começaram a bater papo. Algum tempo depois, num ato de extrema coragem, o português conseguiu vencer a timidez e pousou a mão nas pernas da moça. Ela olhou para ele com um sorriso malicioso e disse:

-Se você quiser ir mais longe, eu não me importo!

-Ah, é? - respondeu o português. -Então vamos até o Rio de Janeiro!

(Pág. 45)

Expressão ambígua: Ir mais longe/longe

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *longe*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *longe*₁ - grande distância espacial; e *longe*₂ progredir sem que se possa medir as consequências, nesse caso referindo ao ato sexual.

Teste 1:

(1) Lisa quis ir mais *longe* e Paulo também.

(2) Lisa quis ir mais *longe* (distância espacial) e Paulo também (distância espacial)

(3) Lisa quis ir mais *longe* (ato sexual) e Paulo também (ato sexual)

(4) Lisa quis ir mais *longe* (distância espacial) e Paulo também (quis ir mais longe, ato sexual)

(3) Lisa quis ir mais *longe* (ato sexual) e Paulo também (quis ir mais longe, distância espacial)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Lisa quis ir mais *longe* (distância espacial) não é preciso necessariamente negar que Paulo quis ir mais *longe* (ato sexual), ao inferir que Lisa quis ir mais *longe* (ato sexual), não é preciso negar que Paulo quis ir mais *longe* (distância espacial).

Teste 3: Os usos do item lexical *longe*, com significado de *longe*₁ - grande distância espacial; e *longe*₂ progredir sem que se possa medir as consequências, nesse caso referindo ao ato sexual, têm uma acepção básica compartilhada de desenvolver-se, progredir no espaço ou no tempo, avançar algum limite, estar além de determinado ponto. A ideia de avançar, portanto, é básica e compartilhada, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 6 - CP

O turista estava em Portugal, de carro, e queria seguir viagem para a Espanha. Parou então num posto de gasolina e pediu informações:

-Ô amigo, essa estrada aqui vai pra Espanha?

E o português: - Olha, não sei nada disso não, mas se ela for, vai fazer muita falta aqui.

(Pág. 45)

Expressão ambígua: Vai/ir

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do verbo *ir*, mais precisamente da flexão *vai*, que é a conjugação na terceira pessoa do singular do verbo *ir*. Nesse caso, os sentidos são: *ir para*₁ levar a determinado local ou ponto de destino, ser trajetória para algum lugar e *ir para*₂ mudança de endereço ou deslocamento do objeto no espaço.

Teste 1:

(1) Esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul e este barco também.

(2) Esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (leva ao RS, trajeto) e este barco também (leva ao RS, trajeto).

(3) Esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (se deslocará para o RS) e este barco também (se deslocará para o RS)

(4) Esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (leva ao RS, trajeto) e este barco também (se deslocará para o RS)

(5) Esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (se deslocará para o RS) e este barco também (leva ao RS, trajeto).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (leva ao RS, trajeto) não é preciso necessariamente negar que este barco também (se deslocará para o RS), ao inferir que esta ponte *vai para* o Rio Grande do Sul (se deslocará para o RS), não é preciso negar que este barco também (leva ao RS, trajeto).

Teste 3: Os usos do verbo *ir*, mais precisamente da flexão *vai*, que é a conjugação na terceira pessoa do singular do verbo *ir*, com significado de *ir para*₁ levar a determinado local ou ponto de destino, ser trajetória para algum lugar e *ir para*₂ mudança de endereço ou deslocamento do objeto no espaço, têm uma acepção básica compartilhada relativa ao deslocamento, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 7 - CP

Disseram pro Manuel que pão dá o maior tesão. Então o Manuel não titubeou, foi direto pra padaria e pediu:

- Me dá cinquenta pães!
 -Que isso, seu Manuel! - ponderou o dono da padaria -, cinquenta pães é muito!
 -Eu quero cinquenta pães! - insistiu o Manuel.
 -É muito pão, seu Manuel, amanhã de manhã vai ficar tudo meio duro!
 -Ah, é? Então me dá cem!
 (Pág. 48)

Expressão ambígua: vai ficar tudo meio duro/duro

Resultado da análise: Polissemia

Ambiguidade: Nesta anedota o que causa o duplo sentido é o adjetivo *duro*, que nesse caso apresenta os sentidos de: *duro*₁ pão enrijecido, firme e *duro*₂ órgão sexual enrijecido, ereção.

Teste1: Identidade

- (1) João possui algo *duro* e Pedro também.
- (2) João possui algo *duro* (pão enrijecido) e Pedro também (possui um pão enrijecido)
- (3) João possui algo *duro* (órgão sexual enrijecido) e Pedro também (possui órgão sexual enrijecido)
- (4) João possui algo *duro* (pão enrijecido) e Pedro também (possui órgão sexual enrijecido)
- (5) João possui algo *duro* (órgão sexual enrijecido) e Pedro também (possui um pão enrijecido)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que João possui algo *duro* (pão enrijecido), não é preciso necessariamente negar que Pedro também (possui órgão sexual enrijecido), ao inferir que João possui algo *duro* (órgão sexual enrijecido), não é preciso negar que Pedro também (possui um pão enrijecido).

Teste 3: Os usos do adjetivo *duro*, com significado de *duro*₁ pão enrijecido, firme e *duro*₂ órgão sexual enrijecido, ereção, têm uma acepção básica de objeto rijo, firme, inflexível, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 8 - CP

Quantas vezes a cama de um homem solteiro já foi feita?

Uma vez. Na fábrica.

(Pág. 49)

Expressão ambígua: Fazer/fazer a cama

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do verbo *fazer*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *fazer*₁ – confeccionar, produzir aplicando técnicas e procedimentos industriais; e *fazer*₂ efetuar uma ação ou atividade; executar/cumprir tarefas; nesse caso de arrumar a cama.

Teste 1:

- (1) Hoje pela manhã, Gabriel *fez* a cama, André também.
- (2) Hoje pela manhã, Gabriel *fez* (confeccionou) a cama, André também (confeccionou).
- (3) Hoje pela manhã, Gabriel *fez* (arrumou) a cama, André também (arrumou).
- (4) Hoje pela manhã, Gabriel *fez* (confeccionou) a cama, André também (arrumou).

(5) Hoje pela manhã, Gabriel *fez* (arrumou) a cama, André também (confeccionou). Semânticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que hoje pela manhã, Gabriel *fez* (confeccionou) a cama, não é preciso necessariamente negar que André (arrumou), ao inferir que hoje pela manhã, Gabriel *fez* (arrumou) a cama, não é preciso negar que André também (confeccionou).

Teste 3: Os usos do verbo *fazer*, com significado de *fazer*₁ – confeccionar, produzir aplicando técnicas e procedimentos industriais; e *fazer*₂ efetuar uma ação ou atividade; executar/cumprir tarefas, têm uma acepção básica de compor ou montar algo, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 9 - CP

Manuel estava muito gordo. Foi ao médico, que lhe receitou uma dieta:

-O senhor come normalmente por dois dias, pula um dia e depois come de novo normalmente mais dois dias. Repita esse procedimento por duas semanas. Na próxima consulta, o senhor já deve ter perdido uns três quilos.

O portuga foi embora. Duas semanas depois ele voltou quinze quilos mais magro.

-Impressionante! - surpreendeu-se o médico ao ver o Manuel. - O senhor seguiu minhas instruções?

-Claro, doutore! Mas no terceiro dia eu quase morri!

-De fome? - perguntou o médico.

-Não. De pulaire!

(Pág. 50)

Expressão ambígua: pular/pular um dia

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 8 a ambiguidade se dá com o verbo *pular*. , logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *pular*₁ – dar pulos, interlocução espacial; e *pular*₂ interlocução temporal.

Teste 1:

(1) Ana *pula* um dia na semana e Carla também.

(2) Ana *pula* (salta) um dia na semana e Carla também (salta).

(3) Ana *pula* (faz intervalo de tempo) um dia na semana e Carla também (faz intervalo de tempo).

(4) Ana *pula* (salta) um dia na semana e Carla também (faz intervalo de tempo).

(5) Ana *pula* (faz intervalo de tempo) um dia na semana e Carla também (salta).

Semânticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Ana *pula* (salta) um dia na semana não é preciso necessariamente negar que Carla também (faz intervalo de tempo), ao inferir que Ana *pula* (faz intervalo de tempo) um dia na semana, não é preciso negar que Carla também (salta).

Teste 3: Os usos do verbo *pular*, com significado de *pular*₁ – dar pulos, saltar; e *pular*₂ fazer intervalo de tempo, têm uma acepção básica compartilhada referente a intervalo, o espaço “vazio” de um ponto A para um ponto B. *Pular*₁ é o intervalo entre o chão e o ponto mais alto

de uma impulsão, e *pular*₂ é o intervalo de tempo entre uma atividade, na sentença citada, pular com esse significado, pode ser interpretado como um dia na semana que Carla não realiza alguma atividade, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 10 - CP

-Como o gaúcho come peixe?

-Ele corta o peixe em três pedaços: come o do meio, chupa a cabeça e dá o rabo pro vizinho.

(Pág. 60)

Expressão ambígua: cabeça/rabo/dar

Resultado da análise: polissemia/ polissemia/ polissemia

Ambiguidade: Na anedota 3, a ambiguidade se dá nos itens lexicais *cabeça* e *rabo*, que no texto tem sentido de *cabeça*₁ parte superior do tronco, cabeça do peixe nesse caso e *cabeça*₂, em sentido pejorativo, parte superior do pênis, (glande); e *rabo*₁ apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, *rabo*₂ vulgar de ânus. A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

(1) Pedro cortou a *cabeça* e João também.

(2) Pedro cortou a *cabeça* (do peixe) e João coçou a *cabeça* (do peixe).

(3) Pedro cortou a *cabeça* (glande) e João a *cabeça* (glande).

(4) Pedro cortou a *cabeça* (do peixe) e João coçou a *cabeça* (glande).

(5) Pedro cortou a *cabeça* (glande) e João a *cabeça* (do peixe).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que (1) Pedro cortou a *cabeça* (do peixe), não é preciso necessariamente negar que João cortou a *cabeça* (glande), ao inferir que (1) Pedro cortou a *cabeça* (glande) não é preciso negar que João cortou a *cabeça* (do peixe).

Teste 3: Os usos do item lexical *cabeça*, com significado de *cabeça*₁ (parte superior do tronco, do peixe) e *cabeça*₂ (glande), têm uma acepção básica compartilhada relativa à posição que os objetos denotados ocupam, ambos denotam algo que se encontra na ponta, na extremidade de um tronco, o que permite classificar o item como polissêmico.

Ambiguidade: Outro item lexical ambíguo nesta anedota é o item *rabo*. Que pode significar *rabo*₁ apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, rabo do boi e *rabo*₂ vulgar de ânus.

Resultado da análise: polissemia

Teste 1:

(1) João gosta de *rabo* e Pedro também.

(2) João gosta de *rabo* (parte do corpo, cauda) e Pedro também (parte do corpo, cauda)

(3) João gosta de *rabo* (sexo anal) e Pedro também (sexo anal)

(4) João gosta de *rabo* (parte do corpo, cauda) e Pedro também (sexo anal)

(5) João gosta de *rabo* (sexo anal) e Pedro também (parte do corpo, cauda)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que João gosta de *rabo* (parte do corpo, cauda) não é

preciso necessariamente negar que Pedro também goste de *rabo* (sexo anal), ao inferir que João gosta de *rabo* (sexo anal), não é preciso negar que Pedro também gosta de *rabo* (parte do corpo, cauda).

Teste 3: Os usos do item lexical *rabo*, com significado de *rabo*₁ apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, *rabo* do boi e *rabo*₂ vulgar de ânus, têm uma acepção básica compartilhada relativa à posição que ocupam no corpo, ambos se encontra na parta posterior, o que permite classificar o item como polissêmico.

Ambiguidade: Nesta anedota, a ambiguidade também sedá pelo uso do verbo *dar*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *dar*₁ – entregar ou oferecer algo a alguém como presente; presentear; e *dar*₂ entregar-se sexualmente.

Resultado da análise: polissemia

Teste 1:

(1) Rute gosta de *dar* e Marcela também.

(2) Rute gosta de *dar* (presentear) e Marcela também (gosta de presentear).

(3) Rute gosta de *dar* (entregar-se sexualmente) e Marcela também (gosta de entregar-se sexualmente).

(4) Rute gosta de *dar* (presentear) e Marcela também (gosta de entregar-se sexualmente).

(5) Rute gosta de *dar* (gosta de entregar-se sexualmente) e Marcela também (gosta de presentear).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Rute gosta de *dar* (presentear) não é preciso necessariamente negar que Marcela também (gosta de entregar-se sexualmente), ao inferir que Rute gosta de *dar* (gosta de entregar-se sexualmente), não é preciso negar que Marcela também (gosta de presentear).

Teste 3: Os usos do verbo *dar*, com significado de *dar*₁ – entregar ou oferecer algo a alguém como presente; presentear; e *dar*₂ entregar-se sexualmente, têm uma acepção básica de conceder algo a alguém, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 11 - CP

Gaúcho no bar.

-Não aguento mais. Não vejo a hora de chegar em casa pra tirar a calcinha da minha mulher!

-Calma, thê, pra que tanta pressa?

-É que está me apertando muito o rego!

(Pág. 62)

Expressão ambígua: preposição “de”

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Nesse caso a ambiguidade se constitui através da preposição “de”, que provoca uma dúvida em relação a quem está usando a calcinha, a mulher ou o marido.

Teste 1:

(1) Robson tirou a calcinha *da* mulher e Tiago também.

(2) Robson tirou a calcinha *da* mulher (ela era a dona da calcinha que ele estava usando) e Tiago também (a mulher era dona da calcinha que ele estava usando).

(3) Robson tirou a calcinha *da* mulher (ele tirou a calcinha que ela usava) e Tiago também (ele tirou a calcinha que ela usava).

(4) Robson tirou a calcinha *da* mulher (ela era a dona da calcinha que ele estava usando) e Tiago também (ele tirou a calcinha que ela usava).

(5) Robson tirou a calcinha *da* mulher (ele tirou a calcinha que ela usava) e Tiago também (ela era a dona da calcinha que ele estava usando).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Robson tirou a calcinha *da* mulher (ela era a dona da calcinha que ele estava usando) não é preciso necessariamente negar que Tiago também (ele tirou a calcinha que ela usava), ao inferir que Robson tirou a calcinha *da* mulher (ele tirou a calcinha que ela usava), não é preciso negar que Tiago também (ela era a dona da calcinha que ele estava usando).

Teste 3: Os usos da preposição *de*, têm uma acepção básica compartilhada que é a ideia de fonte/origem, no caso da anedota se a calcinha é de posse da mulher ou está na mulher, ambos denotam a origem da peça íntima de vestuário, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 12 - CP

Um touro e uma galinha estavam brincando no brejo. Lá pelas tantas o touro caiu dentro de uma enorme poça de lama. O touro já estava quase se afogando.

-Ô galinha, me ajuda! - implorou o touro.

-Mas como eu vou te tirar daí, touro?

-Vai lá na fazenda do seu Zé e traz ele aqui.

A galinha foi correndo até a fazenda, mas, quando chegou lá, o seu Zé tinha saído. Ela então pegou o Mercedes-benz do seu Zé e dirigiu até o brejo. Quando chegou lá, a galinha amarrou um cabo de aço no Mercedes e outro no touro e conseguiu tirar o touro da lama.

Num outro dia, o touro e a galinha estavam novamente brincando no brejo, quando dessa vez, a galinha caiu na poça de lama.

-Vai lá na fazenda, touro, e traz o Mercedes! - implorou a galinha.

-Acho que eu não preciso disso! - disse o touro, já esticando as patas e puxando a galinha pra fora da lama com a maior facilidade.

MORAL DA HISTÓRIA: Se você for forte como um touro, não precisa de um Mercedes pra pegar umas galinhas.

(Pág. 78)

Expressão ambígua: pegar/galinhas

Resultado da análise: polissemia/polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido dos termos *pegar* e *galinhas*, logo, tratam-se de duas ambiguidades lexicais. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor para o verbo *pegar* são: a) *pegar*₁ – segurar algo ou alguém; e *pegar*₂ - relacionar-se amorosamente.

Resultado da análise: Polissemia

Teste 1:

(1) João *pegou* a Maria e Pedro também.

(2) João *pegou* (segurou) a Maria e Pedro também (segurou).

(3) João *pegou* (relacionou-se amorosamente) a Maria e Pedro também (relacionou-se amorosamente).

(4) João *pegou* (segurou) a Maria e Pedro também (relacionou-se amorosamente).

(5) João *pegou* a (relacionou-se amorosamente) Maria e Pedro também (segurou).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que João *pegou* (segurou) a Maria não é preciso necessariamente negar que Pedro (relacionou-se amorosamente), ao inferir que João *pegou* (relacionou-se amorosamente), não é preciso negar que Pedro também (segurou).

Teste 3: Os usos do verbo *pegar*, com significado de *pegar*₁ – segurar algo ou alguém; e *pegar*₂ relacionar-se amorosamente, têm uma acepção básica compartilhada relativa a proximidade, nos sentidos de *pegar* como segurar ou como relacionar-se amorosamente, implica o fato de ter o outro nas mãos, o que permite classificar o item como polissêmico.

Ambiguidade: Nesta anedota também é ambíguo o sentido de *galinha*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor para o item são: a) *galinha*₁ – a fêmea do galo; e *galinha*₂- indivíduo (mulher ou homem) que não age de acordo com a moral e comporta-se indecorosamente, devasso, de vida boemia.

Resultado da análise: polissemia

Teste 1:

(1) Gertrudes é uma *galinha* e Genoveva também.

(2) Gertrudes é uma *galinha* (fêmea do galo) e Genoveva também (é fêmea do galo).

(3) Gertrudes é uma *galinha* (mulher imoral) e Genoveva também (é uma mulher imoral).

(4) Gertrudes é uma *galinha* (fêmea do galo) e Genoveva também (é uma mulher imoral).

(5) Gertrudes é uma *galinha* (é uma mulher imoral) e Genoveva também (é fêmea do galo).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Gertrudes é uma *galinha* (fêmea do galo) não é preciso necessariamente negar que Genoveva também (é uma mulher imoral), ao inferir que Gertrudes é uma *galinha* (mulher imoral), não é preciso negar que Genoveva também (é fêmea do galo).

Teste 3: Os usos do item lexical *galinha*, com significado de *galinha*₁ – a fêmea do galo; e *galinha*₂- indivíduo (mulher ou homem) que não age de acordo com a moral e comporta-se indecorosamente), têm uma acepção básica compartilhada em relação a ideia de que a *galinha* (animal) cisca em todos os terrenos e a *galinha* (mulher/homem, imoral) varia muito de parceiro, há uma base compartilhada metaforizada do termo, que cria uma imagem de que aquele que trai “cisca em vários terrenos”, característica da *galinha* (animal), o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 13 - CP

Por que os homens só tem dois ovos e não três?

É que o terceiro foi chocado e virou pinto...

(Pág. 79)

Expressão ambígua: ovos/pinto

Resultado da análise: polissemia/ homonímia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido dos termos *ovos* e *pinto*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: *ovos*₁ estrutura expelida do corpo da fêmea, que se constitui do óvulo fecundado e *ovos*₂ testículos do homem.

Teste 1:

- (1) Rodrigo tirou os *ovos* e Márcio também.
- (2) Rodrigo tirou os *ovos* (de galinha da cesta) e Márcio também (de galinha da cesta)
- (3) Rodrigo tirou os *ovos* (removeu os testículos, cirurgia) e Márcio também (removeu os testículos, cirurgia).
- (4) Rodrigo tirou os *ovos* (de galinha da cesta) e Márcio também (removeu os testículos, cirurgia).
- (5) Rodrigo tirou os *ovos* (removeu os testículos, cirurgia) e Márcio também (de galinha da cesta).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Rodrigo tirou os *ovos* (de galinha da cesta) não é preciso necessariamente negar que Márcio também (removeu os testículos, cirurgia), ao inferir que Rodrigo tirou os *ovos* (removeu os testículos, cirurgia), não é preciso negar que Márcio também removeu os *ovos* (de galinha da cesta).

Teste 3: Os usos do item lexical *ovos*, com significado de *ovos*₁ estrutura expelida do corpo da fêmea, que se constitui do óvulo fecundado e *ovos*₂ testículos do homem, têm uma acepção básica compartilhada relativa a forma e tamanho, ambos possuem formato arredado e medidas parecidas, o que permite classificar o item como polissêmico.

Ambiguidade: Também há nesta anedota a ambiguidade do item lexical *pinto*, que pode significar *pinto*₁ filhote de galinha ainda novo e *pinto*₂ no sentido vulgar, pênis.

Resultado da análise: Homonímia

Teste 1:

- (1) Pedro perdeu o *pinto* e Paulo também.
- (2) Pedro perdeu o *pinto* (filhote da galinha) e Paulo também (perdeu o filhote da galinha).
- (3) Pedro perdeu o *pinto* (pênis) e Paulo também (perdeu o pênis).
- (4) #Pedro perdeu o *pinto* (filhote da galinha) e Paulo também (perdeu o pênis).
- (5) #Pedro perdeu o *pinto* (pênis) e Paulo também (perdeu o filhote da galinha).

Ao selecionar um dos sentidos de *pinto*, o outro é bloqueado, sendo as sentenças (4) e (5) anômalas.

Teste 2: teste das condições de verdade, implica verificar se há ou não sobreposição de valores. Se a verdade de A implica a falsidade de B, temos homonímia. Na sentença acima citada, (1) Pedro perdeu o *pinto* e Paulo também, se é verdadeiro que Pedro perdeu o *pinto* (filhote da galinha) é falso que Paulo também (perdeu o pênis). Se for verdadeiro que Pedro perdeu o *pinto* (pênis) é falso que Paulo também (perdeu o filhote da galinha). No sentido de pênis, perder pode ser relacionado a um acidente, por exemplo, e no sentido do bicho perder seria não saber onde está, em que lugar deixou.

Teste 3: sentido de base comum, nos casos homônimos, os termos não possuem um sentido de base compartilhado. *Pinto*₁ significa filhote de galinha ainda novo e *pinto*₂ significa, no sentido vulgar, pênis. Ao analisarmos o item lexical *pinto* com esses dois sentidos, percebemos que não há uma acepção básica comum que, de alguma forma, una os dois sentidos possíveis. Logo *pinto*₁ é homônimo de *pinto*₂.

Anedota 14 - CP

Por que os carecas fazem sempre um buraco nos bolsos das calças?

Pra poderem passar os dedos nos cabelos.

(Pág. 91)

Expressão ambígua: cabelos

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *cabelos*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: a) *cabelo*₁ – conjunto de pelos que cobre a cabeça (parte superior do tronco); e *cabelo*₂- nesta anedota utilizado com sentido de pelos da região pubiana.

Teste 1:

(1) Robson tem *cabelo* enrolado e Pedro também.

(1) Robson tem *cabelo* (da cabeça, tronco) enrolado e Pedro também (cabelo da cabeça, tronco).

(1) Robson tem *cabelo* (da região pubiana) enrolado e Pedro também (da região pubiana).

(1) Robson tem *cabelo* (da cabeça, tronco) enrolado e Pedro também (da região pubiana).

(1) Robson tem *cabelo* (da região pubiana) enrolado e Pedro também (cabelo da cabeça, tronco).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Robson tem *cabelo* (da cabeça, tronco) enrolado não é preciso necessariamente negar que Pedro também (da região pubiana), ao inferir que Robson tem *cabelo* (da região pubiana) enrolado, não é preciso negar que Pedro também tenha enrolado (cabelo da cabeça, tronco).

Teste 3: Os usos do item lexical cabeça, com significado de *cabelo*₁ – conjunto de pelos que cobre a cabeça (parte superior do tronco); e *cabelo*₂- nesta anedota utilizado com sentido de pelos da região pubiana, têm uma acepção básica compartilhada que é fato de ambos pelos, ou seja, partes do corpo com funções e características iguais, apenas se encontram em lugares distintos, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 15 - CP

O desastre foi horrível: um choque de frente entre um jumbo e um pequeno monomotor. Só um sobrevivente: o piloto do aviãozinho. Após dois meses entre a vida e a morte, o piloto se recuperou e pôde finalmente dar a sua versão do acidente.

-A culpa foi do casal que estava no meu avião. Eles estavam em lua-de-mel e iam no banco de trás. Mal levantamos voo e comecei a ouvir gemidos e suspiros. Ajeitei o espelho retrovisor e comecei a curtir a sacanagem dos dois pombinhos. Aí, chegou uma hora que a garota começou a chupar o bilau do cara. Eu não conseguia tirar o olho daquela sacanagem. De repente o cara abriu um olho e gritou desesperado: "Olha o jato" Aí, eu me abaixei.

(Pág. 92)

Expressão ambígua: jato

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota apresentada, a ambiguidade se dá pela duplicidade de sentido do termo *jato*, logo, trata-se de uma ambiguidade lexical. Os significados acionados para desencadear o efeito de humor são: *jato*₁ avião a jato e *jato*₂ qualquer coisa lançada às golfadas, substância que passa por orifícios com velocidade, nesta anedota com sentido de orgasmo.

Teste 1:

- (1) Paula não percebeu o *jato* e Kátia também.
- (2) Paula não percebeu o *jato* (avião) e Kátia também não percebeu (o avião).
- (3) Paula não percebeu o *jato* (orgasmo) e Kátia também não percebeu (o orgasmo).
- (4) Paula não percebeu o *jato* (avião) e Kátia também não percebeu (o orgasmo).
- (5) Paula não percebeu o *jato* (o orgasmo) e Kátia também não percebeu (o avião).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Paula não percebeu o *jato* (avião) não é preciso necessariamente negar que Kátia também (não percebeu o orgasmo), ao inferir que Paula não percebeu o *jato* (orgasmo), não é preciso negar que Kátia também (não percebeu o avião).

Teste 3: Os usos do item lexical *jato*, com significado de *jato*₁ avião a jato e *jato*₂ qualquer coisa lançada às golfadas, orgasmo, têm uma acepção básica compartilhada relativa a ambos serem movidos pela forte emissão de força, a base compartilhada é a ideia de lançamento, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 16 - CP

O que um padre e uma árvore de Natal têm em comum?

As bolas são só enfeite.

(Pág. 97)

Expressão ambígua: bolas

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 15, a ambiguidade se dá na expressão *bolas de neve*, mais precisamente, no item lexical *bolas*, que no texto tem sentido de *bola*₁ objeto de formato redondo, oco ou maciço, bola de futebol e *bola*₂, em sentido pejorativo, testículos. A produção de humor é construída à medida que leva o leitor a acionar os dois sentidos do termo, uma vez que as bolas de neve podem ser o corpo do boneco de neve, ou no outro sentido, aludindo às bolas (testículos) por ser uma representação masculina.

Teste 1: Teste de identidade, no caso da homonímia, a precisificação deve ser retomada, não podendo aludir a dois sentidos distintos ao mesmo tempo.

- (1) Augusto perdeu *as bolas* e Arthur também
- (2) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol), Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol)
- (3) Augusto perdeu *as bolas* (testículos), Arthur também perdeu *as bolas* (testículos)
- (4) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol), Arthur também perdeu *as bolas* (testículos)
- (5) Augusto perdeu *as bolas* (testículos), Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol)

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que (1) Augusto perdeu *as bolas* (objeto, futebol) não é preciso necessariamente negar que Arthur perdeu *as bolas* (testículos) ao inferir que Augusto perdeu *as bolas* (testículos), não é preciso negar que Arthur também perdeu *as bolas* (objeto, futebol).

Teste 3: Os usos do item lexical *bolas*, com significado de *bola*₁ *objeto de formato redondo, oco ou maciço*, bola de futebol e *bola*₂, em sentido pejorativo, testículos, têm uma acepção básica compartilhada relativa à forma que possuem, ambos são esféricos e arredondados, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 17 - CP

O médico examinou a mulher doente, chamou o marido no canto e falou:

-Olha, meu amigo, eu não estou gostando nada do aspecto da sua mulher.

-Eu também não gosto. Mas o pai dela é rico!

(Pág. 103)

Expressão ambígua: aspecto

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 16, a ambiguidade se dá no item lexical *aspecto*, que tem sentido de *aspecto*₁ aparência momentânea, nesta anedota, doença e *aspecto*₂ aparência permanente, fisionomia.

Teste 1:

(1) Pedro não gosta do *aspecto* de Maria e Gustavo também.

(2) Pedro não gosta do *aspecto* (aparência momentânea, doença) de Maria e Gustavo também (aparência momentânea, doença).

(3) Pedro não gosta do *aspecto* (aparência permanente, fisionomia) de Maria e Gustavo também (aparência permanente, fisionomia).

(4) Pedro não gosta do *aspecto* (aparência momentânea, doença) de Maria e Gustavo também (aparência permanente, fisionomia).

(5) Pedro não gosta do *aspecto* (aparência permanente, fisionomia) de Maria e Gustavo também (aparência momentânea, doença).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Pedro não gosta do *aspecto* (aparência momentânea, doença) de Maria, não é preciso necessariamente negar que Gustavo também não goste do *aspecto* (aparência permanente, fisionomia), ao inferir que Pedro não gosta do *aspecto* (aparência permanente, fisionomia) de Maria, não é preciso negar que Gustavo também não goste do *aspecto* (aparência momentânea, doença).

Teste 3: Os usos do item lexical *aspecto*, com significado de *aspecto*₁ aparência momentânea, nesta anedota, doença e *aspecto*₂ aparência permanente, fisionomia, têm uma acepção básica compartilhada relativa ao modo pelo qual a pessoa se apresenta, que pode ser temporário ou permanente. Ambos denotam aparência, o que permite classificar o item como polissêmico.

Anedota 18 - CP

O cara chega em casa e encontra a mulher na cama com o médico.

-Que isso? - esbravejou o corno. - O que o senhor está fazendo aí?

-Eu estou examinando a sua esposa! Ela tem uma coisa muito estranha. De dentro do peito dela sai música!

O marido desconfia, vai até a cama, coloca o ouvido no peito da mulher.

-Eu não estou ouvindo nada! - diz o marido.

-É claro – responde o doutor - ,o senhor não está plugado!

(Pág. 105)

Expressão ambígua: plugado

Resultado da análise: polissemia

Ambiguidade: Na anedota 17, a ambiguidade se dá no item lexical *plugado*, que tem sentido de *plugado*₁ conectar periférico a um computador e *plugado*₂ na anedota em questão ato sexual.

Teste 1:

(1) Márcio vive *plugado* e Augusto também.

(2) Márcio vive *plugado* (conectado) e Augusto também (vive conectado).

(3) Márcio vive *plugado* (vida sexual ativa) e Augusto também (tem vida sexual ativa).

(4) Márcio vive *plugado* (conectado) e Augusto também (tem vida sexual ativa).

(5) Márcio vive *plugado* (tem vida sexual ativa) e Augusto também (vive conectado).

Semanticamente, as sentenças 4 e 5 são possíveis, uma vez que um sentido não é excludente do outro e, embora haja uma aceitabilidade maior de retomada de significado idêntico, os dois podem ser acionados concomitantemente na sentença.

Teste 2: Nas sentenças acima a verdade de A não implica a falsidade de B, não há sobreposição de valores. Ao afirmar que Márcio vive *plugado* (conectado) não é preciso necessariamente negar que Augusto também (tem vida sexual ativa), ao inferir que Márcio vive *plugado* (tem vida sexual ativa), não é preciso negar que Augusto também (vive conectado).

Teste 3: Os usos do item lexical *plugado*, com significado de *plugado*₁ conectar periférico a um computador e *plugado*₂ na anedota em questão, ato sexual, têm uma acepção básica compartilhada relativa a estabelecer conexão, pois no ato sexual a forma dos órgãos e como se estabelecem relembram a forma dos periféricos plugados ao computador ou a um celular, ambos denotam algo que estabelece ligação, o que permite classificar o item como polissêmico.